

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

SAMIRA SANTO RODRIGUES

QUADRINHOS E ERER:

Uma abordagem pedagógica inovadora.

Porto Alegre,

Agosto, 2024

SAMIRA SANTO RODRIGUES

QUADRINHOS E ERER:
UMA ABORDAGEM PEDAGÓGICA INOVADORA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do título
de Licenciada em Pedagogia da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador (a): Prof. José Antônio dos Santos

Porto Alegre

2024

AGRADECIMENTOS

Diante deste trabalho, que me foi tão gratificante quanto desafiador, não posso deixar de deixar aqui meus agradecimentos às pessoas que seguraram minha mão e trilharam esse caminho comigo, até mesmo quando eu não sabia se conseguiria atravessá-lo. A estas pessoas, eu deixo minha humilde e eterna gratidão por não terem deixado eu desistir do meu futuro.

Começarei agradecendo aos Orixás que me guiaram com segurança durante toda a minha passagem acadêmica, sempre me dando forças, luz e esperança.

Aos meus pais, José Augusto e Eliana Maria, meus irmãos Marcelo, Tatiane e Eduardo, por acreditarem na minha capacidade quando eu mesma não acreditava. Por terem vibrado comigo quando anunciei minha entrada na universidade e por continuarem comigo até o fim. Se não fosse o apoio de vocês eu não seria absolutamente nada. Eu amo vocês.

A minha tia, Teresinha da Conceição, por ter sido, durante toda a minha vida, uma segunda mãe. Todos os ensinamentos, embora ela já não lembre de alguns, foram de tamanha importância para me tornar quem sou eu hoje.

Aos meus amigos virtuais, em especial Cássia e Jonathan, por serem pessoas incríveis e por aguentarem todas as vezes em que estive em crise, seja de ansiedade ou estresse, e por me fazerem sorrir durante este processo final de meu curso.

E, claro, aos professores da instituição de ensino UFRGS que foram meus mentores durante estes anos como docente. Graças ao conhecimento de vocês, aos conselhos e sugestões durante estes anos, fui constituindo a futura pedagoga que sempre quis ser: alguém com empatia, que consegue se colocar no lugar do outro e pensar em alternativas para que todos consigam atingir seus objetivos. Deixo aqui meus sinceros obrigada por terem me mostrado um lado mais humano da educação. Assim como meu orientador, José Antônio dos Santos, pela paciência e, claro, confiança em meu trabalho que, assim como muitos, nunca duvidou de minhas capacidades, nem mesmo nos meus piores momentos. Meus sinceros obrigada à todos! Vocês foram essenciais para a minha trajetória.

“Dez Ave Marias, eu pratico a meditação
As notícias do Canal Nove dizem que estou retrocedendo
Faltam oito quarteirões, a morte está na esquina
Sete falsas declarações falsas sobre mim
Seis faróis brilhando em minha direção
A polícia me perguntando sobre o que eu estou carregando
Sim, eu continuo correndo, pulando sobre os encanamentos
Hidrantes de fogo e placas de perigo
Alarmes de fumaça nos seguindo
Mas mãe, não chore por mim, dê uma volta por mim, tente por mim
Viva por mim, respire por mim, cante por mim
A honestidade me guiando, eu poderia ser mais do que eu tenho que ser
Me roubaram, mentiram para mim, essa nação de hipocrisia
Me codificaram, passaram por cima de mim, cruéis, o meu espírito me inspirou
Tipo, tá, abram os portões da correção em um deserto distante
Tá, abram nossas mentes enquanto espalhamos opressão
É, abram as ruas e vigiem nossas crenças
E quando cravarem meu nome no concreto,
Rezo que ele possa sempre ser lido.”
Beyoncé (feat. Kendrick Lamar) Freedom.

RESUMO

As histórias em quadrinhos, ou HQs, constituem um vasto e rico universo narrativo capaz de abordar uma gama de temáticas, incluindo questões de identidade étnico-racial, poder e representação social. Comumente associadas ao gênero de super-herói e a conteúdos infantis, as HQs transcendem essa classificação quando abordam temas complexos como raça, gênero e sexualidade em suas narrativas. Este trabalho visa compreender como a indústria dos quadrinhos tem retratado a população negra e como estas representações contribuem para perpetuar os estereótipos racistas. Além disso, será apresentada uma proposta pedagógica para o quinto ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, sequência didática que utiliza os quadrinhos como ferramenta pedagógica para promover a valorização da cultura negra, o fortalecimento da autoestima e o desenvolvimento do sentimento de pertencimento étnico entre os estudantes negros(as).

Palavras-chaves: Educação das Relações Étnico-Raciais; História em quadrinhos; Representatividade negra; Cultura Negra;

ABSTRACT

Comic books, or comics, are specific to a vast and rich narrative universe capable of addressing a range of themes, including issues of ethnic-racial identity, power and social representation. Commonly associated with the superhero genre and children's content, comics transcend this classification when they address complex themes such as race, gender and sexuality in their narratives. This work aims to understand how the comics industry has portrayed the black population and how these representations aim to perpetuate racist stereotypes. Furthermore, a pedagogical proposal will be presented for the fifth year of the Initial Years of Elementary School, a didactic sequence that uses comics as a pedagogical tool to promote the appreciation of black culture, the strengthening of self-esteem and the development of a feeling of ethnic belonging among students. black students.

Keywords: Education of Ethnic-Racial Relations; Comic books; Representativeness; Black culture;

LISTA DE FIGURAS

Figura 0: “The Yellow Kid”	14
Figura 1: “As aventuras de Nhô Quim”	15
Figura 2: As primeiras aparições da trindade dos quadrinhos: Super-Homem, Batman e Mulher-Maravilha.	16
Figura 3: Representação dos diferentes tipos de balões de falas nos quadrinhos.	18
Figura 4: Capa da reportagem exclusiva da CNN Brasil.	21
Figura 5: Evolução dos traços de Jeremias ao longo dos anos.	22
Figura 6: Capa da graphic-novel “Jeremias-Pele”	23
Figura 7: Cena da graphic novel “Jeremias-Pele”.	24
Figura 8: Daiane dos Santos, Ronaldinho Gaúcho e Pelézinho.	25
Figura 09: Dandara e seu irmão Manoel, na HQ independente Dandara.	25
Figura 10: Marcelo D’Saete em entrevista na sala de oficinas do Sesc Pompeia.	26
Figura 11: Ilustração da obra Angola Janga.	27
Figura 12: Capa da graphic novel Cumbe (2014)	28
Figura 12: Edições traduzidas de Angola Janga.	29
Figura 13: Edições traduzidas de Cumbe	30
Figura 14: Capa da revista em quadrinhos Pererê edição #1.	31
Figura 15: Tempestade em sua primeira aparição Giant-Size X-Men #1.	33
Figura 16: Evolução dos uniformes da Tempestade.	35
Figura 17: Relação de Jean e Ororo em X-Men 97	37
Figura 18: Representação cinematográfica Tempestade	38
Figura 19: Shuri recebendo o manto e Shuri como Black Panther.	42
Figura 20: Shuri, Ramonda e Okoye em Black Panther: Wakanda Forever (2021).	43
Figura 21: Cena de discurso de T’Challa, na ONU.	44
Figura 22: Sam Wilson nos quadrinhos. / Sam Wilson como Cap. América.	46
Figura 23: Sam Wilson no MCU.	47
Figura 24: Cena de racismo no episódio 2 da minissérie.	48
Figura 25: Capa de Luke Cage, Hero for Hire #1 (1972)	50
Figura 26: Cenas do trailer da primeira temporada da série Luke Cage.	51
Figura 27: James Rhodes, da Terra 616, em Iron Man vol 118.	52
Figura 28: Terrence Howard como James Rhodes (Iron Man 2008) e Don Cheadle como James Rhodes (Iron Man 2, 2010)	53
Figura 29: Monica Rambeau, a primeira Capitã Marvel.	54
Figura 30: Monica Rambeau em The Marvels	55
Figura 31: Nubia: The Real One (2021) a esquerda e Nubia e as Amazonas vol. 11	56
Figura 32: Calvin Ellis em Final Crisis #7 (2009)	57
Figura 33: Miles Morales em Ultimate Fallout #4 (2011)	58
Figura 34: Miles Morales no jogo para PS4, posteriormente PS5, Marvel’s Spider-Man: Miles Morales (2020)	59
Figura 35: Miles Morales em Spider-Man: Into the Spider-Verse (2018) trailer.	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. CONTEXTUALIZANDO AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.	13
1.1 Os Quadrinhos e suas Fases.	15
1.2 Tipos de histórias em quadrinhos	17
2. NEGROS E A CONSTRUÇÃO DA REPRESENTATIVIDADE.	19
2.1 Os negros e a (falsa) representatividade midiática.	19
2.2 O negro nas histórias em quadrinhos brasileiras.	21
3. “REFIRA-SE A MIM COMO DEUSA”: TEMPESTADE, A PRIMEIRA X-MEN NEGRA.	33
3.1 Rainha. Deusa. Andarilha das Nuvens.	33
3.2 A sexualização e objetificação da mulher negra nos quadrinhos.	34
3.3 Dos quadrinhos para televisão. Da televisão para os cinemas.	37
4. IMPACTO DO SURGIMENTO DO SUPER-HERÓI NEGRO.	40
4.1 Décadas de 1950, 1960 e 1970: quadrinhos e o Movimento Negro.	40
4.2 O negro como protagonista nos quadrinhos e filmes de super-heróis.	41
4.3 O legado da representatividade.	60
5. DOS QUADRINHOS PARA A SALA DE AULA.	62
5.1 As dificuldades em abordar a cultura afro-brasileira nas escolas.	63
5.2 A utilização dos quadrinhos como ferramenta pedagógica para a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) em sala de aula.	65
5.3 A sequência didática.	67
CONCLUSÃO	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76

INTRODUÇÃO

Há alguns anos atrás, se fosse mencionado a palavra “super herói” para as crianças, muito provavelmente todas diriam o nome de algum super herói branco. Embora os personagens negros que levam o título de heróis e super heróis não date de hoje, não há como constatar que os mesmos não possuíam o tempo de tela e, ou, o reconhecimento que um super herói de origem branca. Cresci rodeada por referências ao heroísmo branco, majoritariamente masculino, claro, com os mais famosos deles sendo o Super Homem, Homem Aranha e Batman. Estas eram a trindade da minha infância, salvo a menção honrosa à Mulher-Maravilha (mulher, heroína, porém branca).

Desde muito nova sempre fui fascinada pela leitura, escrita e os mais diversos mundos fantasiosos que nos eram apresentados através destes meios tão importantes e da televisão. Lembro-me que meu passatempo favorito era acordar cedinho e ir para frente da televisão assistir Bom Dia & Cia, do SBT, ou a TV Globinho, da Rede Globo de televisão. Foi através destes passatempos que me identifiquei, pela primeira vez, com uma personagem. Uma personagem negra, a primeira que havia visto, com o codinome Tempestade, que também levava o título de heroína, se tornou minha inspiração para saber mais e, também, para que eu tornasse este trabalho possível.

Influenciada pela minha mãe desde muito cedo a ter um contato constante com a leitura, foi através dela que me inseri no mundo dos quadrinhos. E embora tenha sido pela televisão meu contato inicial com a primeira super heroína negra da qual tive conhecimento, foi através da leitura que pude, então, me aproximar do mundo dos quadrinhos e de todo o seu universo fantasioso que escondia os mais diversos heróis e heroínas negros. Foi através dos quadrinhos que descobri a existência de personagens como: T’Challa, Shuri, Miles Morales, Sam Wilson, Nubia, Monica Rambeau, Iron Heart, Calvin Ellis e Yusuke que carregam o manto da representatividade.

A partir disso, busquei me aprofundar da maneira que eu conseguia, tendo em vista que era uma criança e na época eu não possuía acesso a internet, visto que era algo limitado a aqueles que poderiam possuir. O que restou, para esta mente curiosa, foi passar horas e horas afincado em bibliotecas, tanto públicas quanto da minha escola, e rezar para que as mesmas tivessem em seus acervos, algo de quadrinhos. Foi visitando esses lugares que tive contato com meu primeiro gibi.

Vindo de uma família negra e pobre, sempre fui limitada em certos sentidos de minha vida. Nunca houve uma representatividade, fora meus familiares, em que eu pudesse me espelhar. Não tive meu super-herói representado nas telonas de forma que ele deva ser representado: como alguém tão importante quanto o herói branco. Posso citar o exemplo do personagem Sam Wilson, o Falcão, da Marvel, que hoje carrega o manto do Capitão América, com o lançamento de seu filme solo para 2025. O Miles Morales que é o homem-aranha de um outro universo dos quadrinhos. A Núbia, que poucos conhecem, como a Mulher-Maravilha negra e, também, o esquecido Calvin Ellis, que carrega o manto de Superman ao mesmo tempo em que é o presidente dos Estados Unidos na Terra 23.

Os poucos personagens de minha infância se baseiam em Spyke, Tempestade, estes ambos sendo da animação X-Men: Evolution, e o Super Choque. Comparado ao que as crianças possuem hoje em dia, era pouquíssimo e não poderia ser considerado como uma representatividade. Vim de uma infância onde meus amigos eram quase todos, para não dizer todos, brancos. Os cabelos escorridos, a pele branquinha que se ficassem muito tempo no sol, ficavam vermelhos “tal qual um pimentão”. Foi na minha infância que ouvi dos mais diversos tipos de comentários acerca do meu tom de pele, vindo de adultos, e, ainda mais, do meu cabelo. Foi dentro do curso de Pedagogia que eu entendi: o racismo, infelizmente, é um ritual de passagem doloroso para toda criança negra que tem a infelicidade de crescer ao lado de crianças brancas e ver de perto como somos diminuídos por não termos as mesmas características e, mais para frente, saber que não teremos as mesmas oportunidades.

Os anos dentro da universidade, dentro do curso de licenciatura em pedagogia, me fizeram abrir os olhos diante do racismo e da falta de representatividade que o âmbito escolar ainda reluta em ter. Minha trajetória com a EREER vem desde o começo do curso, onde pude ter o conhecimento de que ainda não se vê uma necessidade maior de espaço para a representatividade dentro das escolas, o que é um tanto quanto preocupante. Desde então, venho dedicando meus trabalhos acadêmicos a esta pauta. O racismo não somente atrapalha no conhecimento da criança acerca de suas origens, como também corrobora para o crescimento da baixa autoestima, assim como a dificuldade em que esta, ou estas, crianças afetadas por este fenômeno encontram em criar relações de respeito à cultura do próximo e de um bom convívio social.

As escolas são espaços privilegiados pois são onde formamos os sujeitos. Sujeitos de direito, sujeitos que pensam por si só. Negar a representatividade para as crianças é querer

transformá-las em sujeitos que não possuem conhecimento no que refere-se a sua identidade racial, transformando-as em disseminadoras de preconceito contra as outras raças e a própria.

A educação das relações étnico-raciais vem lutando para que a presença da cultura e identidade negra dentro das escolas deixem de ser um tabu e passem a ser garantidas, pois as mesmas transmitem a sensação de pertencimento ao espaço em que estamos inseridos. Embora nos anos atuais haja uma crescente no que tange a valorização da cultura negra, ainda não estamos na metade do que poderia ser, de fato, feito visto que ainda não houve o implemento real da Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que estabelece, de forma obrigatória, o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas.

Neste meu contexto de vida, os quadrinhos abriram portas para a importância da minha identidade e minha cultura visto que todos os personagens possuem um *background* onde nos recheiam com suas referências culturais, seus valores e temores. Talvez este tenha sido um dos fatores importantes para que eu, embora não tenha tido uma representatividade negra em minha vida além de minha família, me tornasse alguém de mente aberta, que consiga enxergar para além de mim mesma.

A criação deste trabalho deu-se num contexto muito atípico de minha vida, assim como na vida de inúmeros gaúchos, devido aos eventos climáticos extremos, me vi impedida de desenvolver o presente projeto como gostaria, que era tornar prática a sequência didática proposta como resultado deste trabalho numa pesquisa em sala de aula. Através da força de amigos, familiares e meu orientador, continuei a dar vida a este TCC com a garra e destreza, assim como os personagens citados.

Com este pensamento, este trabalho nasceu a partir de um objetivo geral com intuito de: promover a educação das relações étnico-raciais através da utilização de histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica, valorizando a cultura negra e fortalecendo a autoestima dos estudantes negros(as). E, a partir deste objetivo geral, objetivos mais específicos foram fomentados em minha pesquisa, com a intenção de: 1) investigar a evolução da representatividade negra nos quadrinhos, desde suas origens até a ascensão como protagonistas; 2) ampliar a discussão sobre diversidade e representatividade étnico-racial nas histórias em quadrinhos; 3) utilizar o universo dos quadrinhos para promover a educação antirracista e a valorização das culturas afro-descendentes.

Desta forma, começarei este trabalho de forma introdutória, trazendo no capítulo 1 a contextualização do que são as histórias em quadrinhos. No capítulo 2, é onde abordarei alguns dos personagens que dão voz à representatividade negra nos quadrinhos brasileiros e a representação negra nas mídias. No capítulo 3 tratará das repercussões que a introdução destes personagens trouxe para a indústria, em especial a Tempestade, pelo enorme impacto positivo que esta personagem teve ao longo dos anos como mulher negra, se prolongando durante minha jornada até a faculdade, me ajudando a tecer meu caminho pelo conhecimento étnico e racial, sobretudo acerca de minhas origens, minha cultura e no que minha presença nestes espaços representa. No capítulo 4 abordarei o impacto dos super-heróis negros na representação positiva da identidade negra. E, por fim, no capítulo 5, buscando implementar a Lei 10.639/03 que estabelece obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas, proponho uma sequência didática voltada para o uso dos quadrinhos nos estudos da EREER nas salas de aula.

“Eu quebro as correntes sozinha. Não vou deixar minha liberdade apodrecer no inferno. Eu vou continuar em frente porque os vencedores não desistem de si mesmos.” (Beyoncé, Freedom)

1. CONTEXTUALIZANDO AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.

As histórias em quadrinhos são narrativas contempladas, até os dias de hoje, tanto por adultos quanto adolescentes e crianças. Conhecidas, majoritariamente, por Comics nos Estados Unidos, Quadrinhos/Gibis¹ no Brasil e mangás no Japão, com histórias que abordam para além dos textos engraçados, os quadrinhos são vistos como uma arte narrativa que busca abranger os diferentes tipos de leitores com o passar dos anos.

As HQs são uma forma de arte que busca combinar diferentes elementos visuais nas narrativas de suas histórias. O surgimento das histórias em quadrinhos deu-se no final do século XIX, nos Estados Unidos, sendo popularizadas pelo desenhista e autor Richard Outcalt com sua criação “The Yellow Kid²”, (1895), sendo considerada até os dias de hoje como um dos marcos mais importantes para o crescimento deste fenômeno narrativo.

Embora haja registro de outras histórias lançadas antes da obra de Outcalt, como sendo o caso da primeira editora voltada a histórias em quadrinhos, a Comics Cuts, com lançamentos semanais e, também, da obra de Angelo Agostini, “As Aventuras de Nhô Quim”, de 1869 no Brasil, o que levou a obra de Outcalt a ser considerada a primeira história em quadrinhos do mundo envolve uma série de precedentes tanto históricos quanto culturais da época tais como: formato. A obra de Outcalt foi uma das primeiras a utilizar e popularizar os balões de fala, tornando-os numa das características mais marcantes dos quadrinhos modernos, enquanto os balões de fala da obra de Agostini eram colocados abaixo dos desenhos, o que era mais comum para a época.

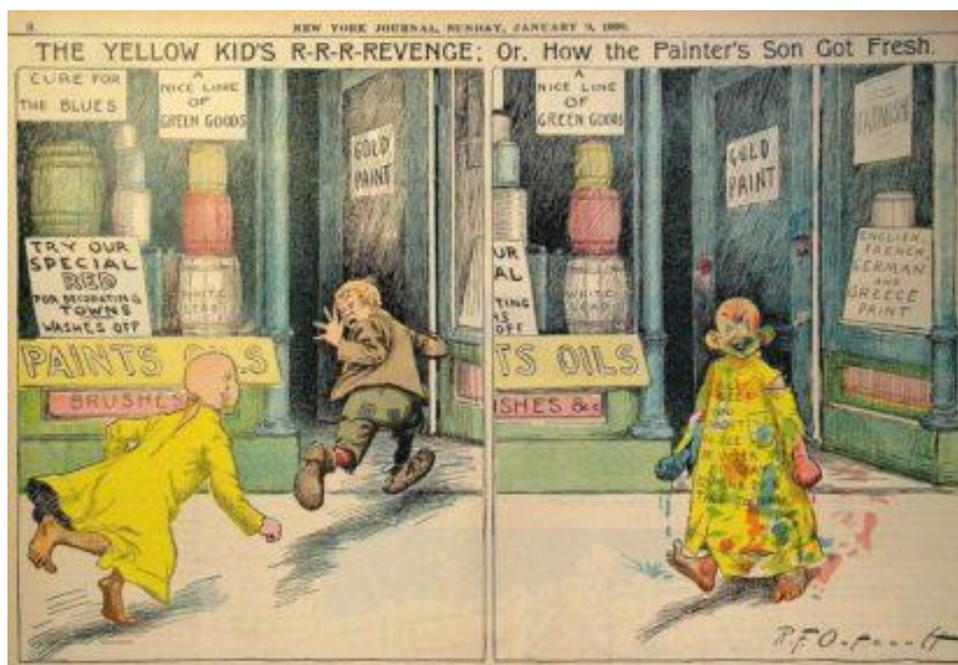
Sobre o surgimento das histórias em quadrinhos, Paiva (2017, p. 27) destaca que:

Pode-se afirmar que as HQs surgiram há muito tempo, como parte da necessidade humana de registrar suas histórias. Seja no pré-histórico desenvolvimento de uma nova técnica de comunicação, colocando desenhos rupestres em sequência simulando movimento, ou nas instintivas representações de falas através de desenhos, feitas por crianças antes da alfabetização, por exemplo, é possível visualizar similares representações das HQs. Mas as histórias em quadrinhos surgem, oficialmente, no final do século XIX.

¹ Gibi, originalmente, foi o título de uma revista em quadrinhos brasileira lançada em 1939, publicada pelo grupo Globo. O termo gipi significava 'moleque' ou 'negrinho', porém, com a popularização, tornou-se sinônimo de “revista em quadrinhos” no Brasil. Disponível em: <[Gibi \(revista em quadrinhos\) – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gibi_(revista_em_quadrinhos))>

² É uma história em quadrinhos que conta as aventuras de uma criança que vive nos guetos de Nova Iorque. O personagem principal, Mickey Dugan, usa uma grande camisola amarela com críticas sociais estampadas e comunica-se através de mensagens escritas na roupa. A história aborda questões sociais, como a sociedade de consumo, a imigração e as relações raciais e urbanas. Disponível em: <<https://nanquim.com.br/1895-yellow-kid/>>

Figura 0: “The Yellow Kid”, personagem criado por Richard Outcalt, em 1894, primeira HQ que se tem conhecimento, de acordo com alguns especialistas.



Fonte: Ficheiro wikipedia

https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Yellow_Kid_1898-01-09.jpg.

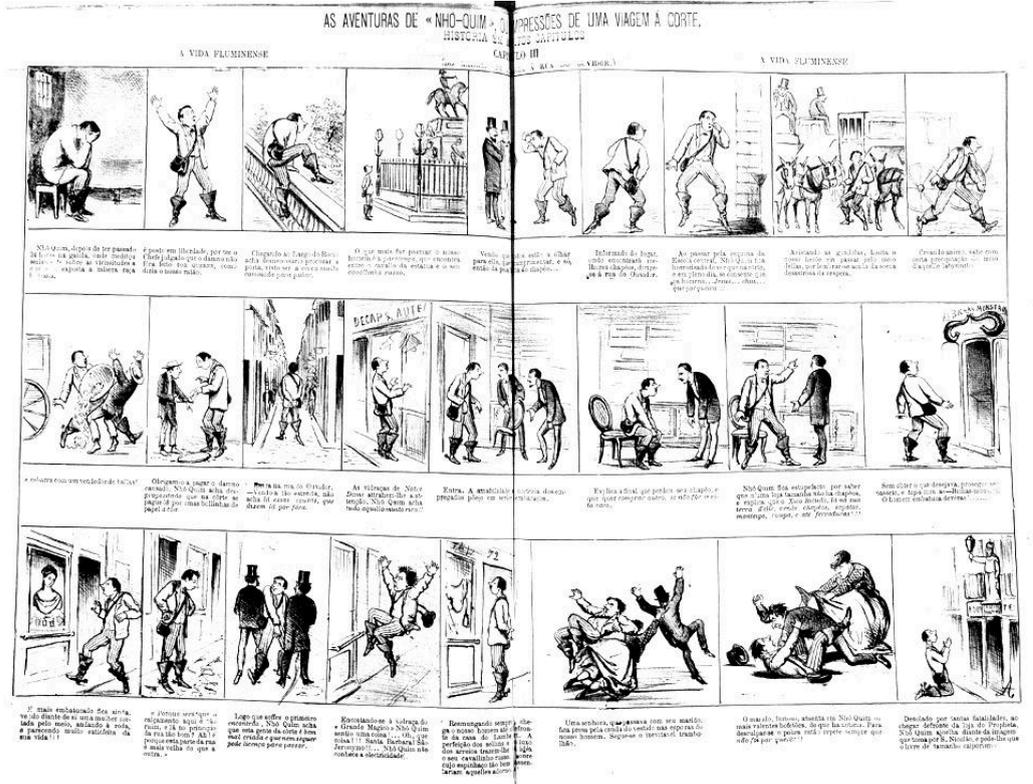
As histórias em quadrinhos no Brasil possuem uma vasta trajetória que começou a ser fomentada no início do século XX. Embora Agostini tenha sido o precursor do gênero no Brasil, foi o personagem Amigo da Onça, criado por Péricles Maranhão, em 1943, que cativou o público da época. No entanto, foi somente nos anos 60 em que as histórias em quadrinhos estabeleceram um público mais ávido e fiel com o surgimento da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, sendo uma das séries bem mais sucedidas até os dias de hoje e “O Menino Maluquinho”, do chargista e cartunista Ziraldo, em 1980.

Outro fator a ser levado em conta para o crescimento exponencial dos quadrinhos no Brasil era o modo como a diversidade da cultura brasileira era representada nas narrativas, com temas variados partindo das sátiras políticas até histórias que envolviam ficção científica, horror e suspense, englobando os mais diferentes tipos de autores.

As histórias em quadrinhos há anos deixaram de ser somente um amontado de desenhos que servem unicamente para entreter o público. Abrangendo outras culturas, os autores têm buscado cada vez mais incentivar os leitores a sair de suas zonas de conforto ao introduzir diferentes narrativas que buscam fazer com que o leitor se identifique cada vez mais com os personagens e suas motivações, dando uma profundidade considerável a personagens antes

sem importância, muitas vezes o personagem negro, desta forma, fazendo os quadrinhos desempenharem um “papel crucial na formação cultural e educacional” (RAMOS, 2003).

Figura 1: “As aventuras de Nhô Quim”, intitulada primeira história em quadrinhos do Brasil, escrita por Angelo Agostini.



Fonte: Jornal USP.

<https://jornal.usp.br/ciencias/as-aventuras-de-nho-quim-sao-marco-historico-dos-quadrinhos-no-brasil-e-no-mundo/>

1.1 Os Quadrinhos e suas Fases.

A história do mundo dos quadrinhos modernos passou por duas grandes eras, com a última mantendo sua influência nas histórias até os dias de hoje e sendo de suma importância para a existência deste trabalho.

Começaremos pela conhecida Era de Ouro dos Quadrinhos, (1938-1956), que foi marcada pelo surgimento dos personagens mais icônicos do gênero super-herói, vide Superman (1938), Batman (1939) e Mulher-Maravilha (1941) como consequência do crescimento da indústria. Estes três consolidaram, de fato, a popularidade dos quadrinhos nos Estados Unidos e no mundo.

Figura 2: As primeiras aparições da trindade dos quadrinhos: Super-Homem, Batman e Mulher-Maravilha.



Fonte: DC comics.

Conforme cita Bradford (2001) em “*Comic Book Nation: The Transformation of Youth Culture in America*”, “a Era de Ouro dos quadrinhos foi um período de prolífica criação de super-heróis, refletindo a necessidade de esperança e heroísmo durante tempos de crise, especialmente a Segunda Guerra Mundial.”

Após a Era de Ouro, surgiu a Era de Prata. Reconhecida como uma das principais e maiores renovações no âmbito dos quadrinhos, especialmente do gênero super-heróis moderno, esta Era introduziu novos personagens com tramas mais elaboradas graças aos movimentos sociais, majoritariamente por parte da comunidade negra dos Estados Unidos, da época que possibilitaram a transformação do cenário mundial, onde os autores se viram influenciados a contemplar novas e diferentes culturas. Por isso acho de suma importância compreender o lado histórico-cultural em que os super-heróis surgiram.

Essa influência não se restringiu apenas à sociedade da época, mas se estendeu e consolidou na cultura pop mundial, persistindo até os dias de hoje.

“A Era de Prata foi uma renascença para os quadrinhos de super-heróis, marcada pela inovação e pela criação de personagens que traziam complexidade e humanidade às suas histórias.” (1991)

A Era de Prata nos quadrinhos foi uma das mais importantes no quesito representatividade da comunidade negra de forma global. Foi nesta Era que se deu o surgimento dos primeiros personagens negros protagonistas, com histórias significantes e complexas, recheadas de narrativas que deram ênfase a diversidade racial e cultural.

1.2 Tipos de histórias em quadrinhos

Silva (2011, p.1) se refere às HQs como uma "arte conceitual, consolidada como uma forma de produção cultural que visava se tornar um bem de consumo de uma grande quantidade de leitores: a cultura de massa." Com o tempo, foram surgindo diversas formas de se fazer histórias em quadrinhos, abrangendo esta vasta quantidade de leitores desde o romance, infantil e juvenil, até ação, aventura, magia, terror e ficção científica, enganando aqueles que acreditam que as histórias em quadrinhos limitam-se apenas ao gênero super-herói, ao público mais infantil.

Há histórias em quadrinhos que fazem releituras de histórias já existentes, como é o caso das *light novels*, que muitas vezes são adaptadas para o formato mangá. Como é o caso de muitas obras literárias, incluindo algumas brasileiras, foram adaptadas para o formato de quadrinhos. Exemplos incluem "Dom Casmurro", de Machado de Assis, com ilustrações de Rodrigo Rosa e roteiro de Ivan Jaf; "O processo", ilustrado pela artista francesa Chantal Montellier e roteirizado por David Zane Mairowitz; "O Cortiço", de Aluísio Azevedo, com ilustrações de Rodrigo Rosa e Ivan Jaf; "O Grande Gatsby" e "Os Sertões", também ilustrados por Rodrigo Rosa, com roteiro de Carlos Ferreira.

Além disso, temos as características mais marcantes das histórias em quadrinhos que são seus balões de fala. Desempenhando um papel crucial na comunicação e na construção das narrativas dos personagens, os balões de fala são instrumentos que permitem a estes personagens expressarem seus mais diversos sentimentos de uma forma mais direta e distintiva. Considerados como componentes visuais, que buscam transmitir além das palavras, e instrumentos gráficos, que vão para além de enriquecer as narrativas dos personagens, eles auxiliam o leitor a compreender os sentimentos que o autor quis passar através da fala.

Nos quadrinhos, os balões de fala não são meros acessórios. Eles são parte integrante da arte sequencial, oferecendo insights sobre a dinâmica do diálogo e as nuances emocionais das conversas. (Graphic Novels: Everything You Need to Know, 2005).

Figura 3: Representação dos diferentes tipos de balões de falas nos quadrinhos.



Fonte: Nerds & Otome Universe.

<https://nerdseotomeuniverse.blogspot.com/2014/08/historias-em-quadrinhos-e-tirinhas.html>

Segundo Junior (2009, p. 4) “ao levar em conta que a linguagem dos quadrinhos incorpora quase todas as expressões conhecidas de arte, tais como, desenho, pintura, arquitetura, expressão cênica e narrativa literária”, as HQs se constituem como um rico campo que permite ao leitor explorar e aflorar sua expressão artística. Na utilização em sala de aula, os quadrinhos tornam-se uma ferramenta a favor do professor ao combinar histórias visuais e textuais, possibilitando aos alunos construções de narrativas mais complexas.

2. NEGROS E A CONSTRUÇÃO DA REPRESENTATIVIDADE.

"Quando você não vê ninguém como você refletido na mídia, você começa a se sentir invisível. Quadrinhos com personagens negros importantes podem quebrar esse ciclo e mostrar a todos que todos têm um lugar neste mundo."

(Dwayne McDuffie, cofundador da Milestone Media).

2.1 Os negros e a (falsa) representatividade midiática.

Começarei este subtítulo trazendo a seguinte pergunta: o que você entende por representatividade? Para mim, como mulher negra, representatividade significa a inclusão do povo negro no que refere aos diferentes núcleos de uma sociedade. A representatividade concerne a garantia de que as pessoas como eu sejam inseridas nestes núcleos, possuindo voz ativa para lutar por seus direitos e promover sua cultura, assim como a diversidade que nos rodeia.

É comum que crianças, quando questionadas sobre seus super-heróis favoritos, mencionem personagens como Superman, Homem-Aranha e Mulher-Maravilha. Há uma predominância de personagens brancos nos meios de comunicação infantis, indo de livros até desenhos animados, contribuindo, então, para a construção do imaginário social que, por muitas vezes, exclui a figura do super-herói negro. A ausência de modelos positivos pode acarretar em um sentimento de desvalorização e inferioridade nas crianças negras, o que poderá causar impactos consideráveis em sua autoestima e autopercepção de pertencimento. Conforme ressalta a educadora e pesquisadora Gloria Ladson-Billings "[...] a falta de representatividade positiva na infância pode ter consequências duradouras para o desenvolvimento da identidade racial e cultural."

Historicamente, os personagens negros são representados nas grandes mídias e na literatura por estereótipos negativos e limitados. De acordo com Cuti (2010, p.81):

Quando se estudam as questões atinentes à presença do negro na literatura brasileira, vamos encontrar, na maior parte da produção de autores brancos, as personagens negras como verdadeiras caricaturas, isso porque não só esses autores se negam a abandonar sua brancura no ato da criação literária, por motivos de convicções ideológicas racistas, mas também porque, assim, acabam não tendo acesso à subjetividade negra. Estar no lugar do outro e falar como se fosse o outro ou ainda lhe traduzir o que vai por dentro exige o desprendimento daquilo que somos. Os autores sabem disso. Os escritores pouco sabem ou não querem saber, em especial

quando se trata de relacionamento inter-racial. As exceções ou tentativas sempre demonstram a regra.

Com frequência, esses personagens são vistos em papéis secundários, alívio cômico ou vilões, sendo vistos caracterizados por atributos de baixa inteligência ou submissos aos protagonistas brancos. A mídia é grande retentora no que se refere a construção de identidade social e cultural, operando como agente no que tange a disseminação de valores que moldam o entendimento dos indivíduos sobre si e, também, sobre o mundo que os rodeia. Entretanto, esta mesma mídia é responsável por manter os estereótipos dos negros, contribuindo para a perpetuação de preconceitos e desigualdades sociais, como é o caso do personagem Luke Cage, , super-herói negro da Marvel Comics. As narrativas iniciais do personagem reforçavam clichês que, até os dias de hoje, são associados aos homens negros.

Um estudo realizado pela Paramount Global (2022), apresentou dados, chamando a atenção pelo alto índice de afro-brasileiros que se sentem assim. Estes dados foram publicados de forma exclusiva pela CNN Brasil³ em sua plataforma:

23% dos negros nos Brasil sentem-se representados como criminosos em séries e filmes. De acordo com o estudo realizado em 15 países, incluindo o Brasil, 99 em cada 10 pessoas globalmente concordam que a representatividade na televisão e nos filmes tem um impacto no mundo e influencia a percepção que temos de determinados grupos ou pessoas. Ainda segundo a pesquisa, 52% das pessoas que participaram do levantamento afirmam se sentir mal representadas, dizendo que falta precisão em como o grupo a que pertencem é retratado no audiovisual – ou seja, por mais que os filmes e as séries estejam melhorando no quesito incluir pessoas diferentes nas telas, a representação de diferentes grupos não é feita de forma fidedigna. (2022)

Na análise de dados brasileiros oriunda da pesquisa realizada pela Paramount Global, fica evidente uma clara discrepância que os negros possuem deles mesmos quando representados na mídia. A pesquisa, divulgada pela CNN Brasil, aponta que 23% dos negros brasileiros sentem-se representados como criminosos, enquanto que 24% como perigosos. Esta pesquisa reflete demasiado na insistência das grandes mídia em retratar o negro como um indivíduo negativo.

³ Dados pesquisa realizada pela Paramount Global e distribuída pela CNN Basil. Disponível em: <

Figura 4: Capa da reportagem exclusiva da CNN Brasil.



Fonte: RyanJLane/Getty Images

2.2 O negro nas histórias em quadrinhos brasileiras.

"Você pode me inscrever na história com suas amargas e tortuosas mentiras. Você pode me arrastar para o pó, mas ainda assim, como poeira, eu me levanto⁴."
(ANGELOU, Maya. 1978)

O Brasil é conhecido por sua imensa diversidade racial, considerada umas das características marcantes do país. Sendo um dos países mais miscigenados do mundo, há uma expansiva carga cultural constituída, principalmente, por indígenas, africanas, europeias e asiáticas. Embora essa diversidade seja considerada um desafio contínuo, no que diz respeito a igualdade de raças e inclusão social, não é possível negar que toda a diversidade, que somente a cultura brasileira possui, também é sinônimo de orgulho para aqueles que habitam e nasceram no país. Esta diversidade está respaldada nos quadrinhos brasileiros.

Ao longo das décadas, os quadrinhos brasileiros vêm evoluindo substancialmente e a representatividade é um dos aspectos que impulsionou esta transformação. A presença de personagens negros enriquece as narrativas, faz com que o leitor reflita sobre questões como a diversidade racial e étnica, além de promover discussões mais assíduas sobre racismo, identidade, resistência e pertencimento. Neste capítulo, apresentarei alguns dos personagens negros que enriquecem as narrativas dos quadrinhos brasileiros com sua representatividade e diversidade.

⁴ Original: "You may write me down in history with your bitter, twisted lies. You may trod me in the very dirt but still, like dust, I'll rise." Disponível em: <[Still I Rise by Maya Angelou | Poetry Foundation](#)>

Um dos personagens negros mais famosos e conhecidos pelo público brasileiro faz parte de uma das revistas em quadrinhos mais famosas no país, a Turma da Mônica. Jeremias, criado por Mauricio de Sousa em 1960, é descrito como uma criança alegre, inteligente e amigável. E ainda que seja um dos personagens mais antigos do cartunista, Jeremias nunca teve um destaque merecido em suas edições, diferente de outros personagens de Maurício.

Figura 5: Evolução dos traços de Jeremias ao longo dos anos.



Fonte: <[Jeremias | Turma da Mônica Wiki | Fandom](#)>

Jeremias sofreu com alterações em sua aparência. Sua antiga aparência remete ao estilo dos artistas na década de 60 mas, também, das sensibilidades culturais da época como os estereótipos exagerados sobre o povo negro, nas características do blackface. Este estilo de representação era muito utilizada nos teatros como forma de retratar personagens negros de forma estereotipada e ridicularizada, fazendo uso de traços físicos exagerados em um contexto onde o negro era proibido de atuar por conta de sua cor de pele. Não somente era ridicularizada a forma física, mas também as formas de falar do povo negro, sendo alvo dos grandes humorísticos do século 19. Com o tempo, Mauricio de Sousa foi atualizando seus traços, abandonando a forma caricata como o personagem era representado, adotando formas de representação mais condizentes com a situação sócio-econômica brasileira.

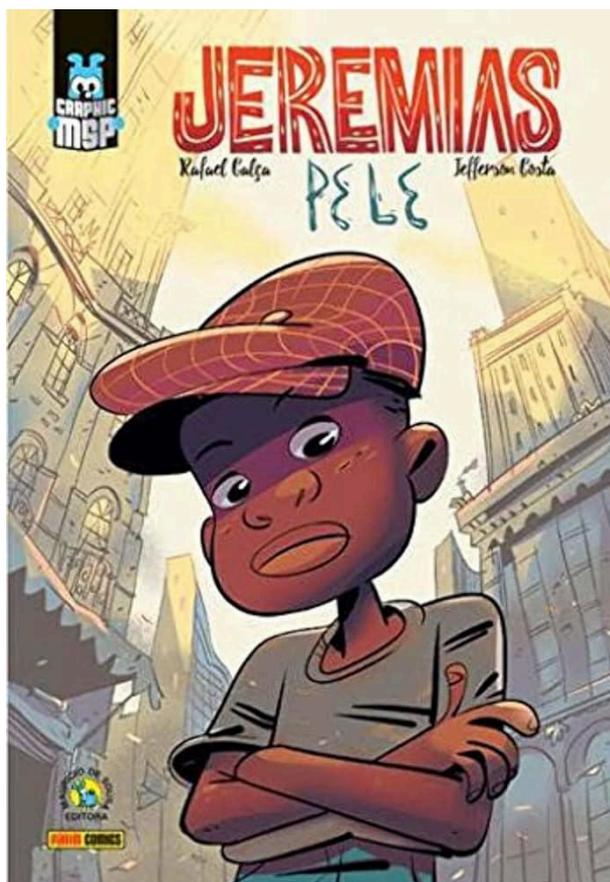
Em 2018, a *Panini Comics*⁵ lança uma *graphic novel*⁶ chamada "Jeremias - Pele" como uma reinterpretação do personagem escrito por Rafael Calça, com traços de Jefferson Costas. Num geral, a trama gira em torno do racismo que Jeremias vem sofrendo, sendo um choque para o menino que nunca havia vivenciado o mesmo de forma tão explícita.

O personagem de Mauricio de Sousa que era inconfundível por seu carisma e personalidade, viu-se perder o brilho e a segurança que tinha em si ao sofrer agressões verbais e físicas por conta de sua cor. Na obra, é perceptível o carinho que autor e desenhista tiveram ao retratar inúmeras referências à cultura negra, trazendo algo para além do racismo. Também, por outro lado, é interessante refletir sobre o quanto essas representações negras por meio dos quadrinhos nos levam a pensar sobre a miscigenação racial no Brasil que levam, muitas vezes, a incorporar o discurso da democracia racial. Ou seja, a ideia de que somos um país aonde não há racismo e que negros e brancos convivem harmoniosamente e que cada vez mais a população brasileira perde seus traços e cultura de matriz africana assumindo características europeias.

⁵ É um grupo editorial italiano de produção de história em quadrinhos e vídeos animados, com atuação centrada no mercado europeu e com filiais no Brasil, França, Reino Unido, Alemanha, Espanha, Argentina e Hungria.

⁶ Um romance gráfico (*graphic novel*) é um tipo de história em quadrinho publicada no formato de livro. Embora a palavra romance normalmente se refira a longas obras ficcionais, o termo romance gráfico é aplicado de maneira ampla e inclui obras de ficção, não-ficção e antologizadas. <[Romance gráfico – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#)>

Figura 6: Capa da graphic-novel “Jeremias-Pele”, de Rafael Calças e Jefferson Costa.



Fonte: Google Imagens.

Uma das cenas mais marcantes da *novel*, para mim, é a cena onde o pai de Jeremias, Alex, explica, de forma exaltada, como a sociedade será cruel com Jeremias apenas por sua cor de pele, tendo vivenciado isto eu mesma em alguns momentos de minha vida, principalmente na infância e ao adentrar na vida adulta, onde a vida e a sociedade, constantemente, nos fazem lembrar da desigualdade social, racial e comportamental que, conforme aponta Roxane Gay (2016), pode ser compreendida com “[...] os homens negros, como as mulheres negras, são julgados duramente por sua raiva. O homem negro raivoso é visto como um perigo, uma ameaça, incontrollável⁷.”

Abordando de forma direta e realista o racismo, "Jeremias - Pele", é uma obra que trás o exercício de reflexão do jovem negro no Brasil e no mundo. De forma explícita, a obra mostra como o racismo impacta na vida do negro de forma psicológica e emocional. O contraponto disto é a força que Jeremias sorve de sua família, mostrando o lado da resiliência, resistência e

⁷ Texto original: “Black men, like black women, are judged harshly for their anger. The angry black man is seen as a danger, a threat, uncontrollable.” <[Opinion | Who Gets to Be Angry? - The New York Times \(nytimes.com\)](https://www.nytimes.com/2016/05/16/opinion/who-gets-to-be-angry.html)>

luta do povo negro que perdura até os dias atuais de forma contínua em busca de segurança, igualdade racial e respeito numa sociedade marcada pela contribuição negra e pela diversidade étnico-racial.

Figura 7: Cena da graphic novel “Jeremias-Pele”.



(CALÇA; COSTA, 2018, p. 52).

Ainda nas mãos de Maurício de Sousa, também temos aparições de figuras brasileiras importantes retratadas através dos traços do autor, como é o caso de Ronaldinho Gaúcho, a ginasta Daiane dos Santos e Pelezinho.

Figura 8: Da esquerda para direita: Daiane dos Santos, Ronaldinho Gaúcho e Pelézinho.



Fonte: <https://turmadamonica.fandom.com/>

Com a força negra ganhando força no quesito representatividade, os artistas brasileiros se vêem cada vez mais inspirados em inserir personagens cuja história contenha simbolismo de resistência e força. Dandara é um destes exemplos.

Historicamente, Dandara dos Palmares foi uma mulher negra, quilombola, que viveu no século XIX, lutando contra a escravidão no Brasil. Juntamente de seu marido, Zumbi dos Palmares, Dandara foi uma figura de alta relevância na resistência negra contra a opressão da colônia. Nos quadrinhos, Dandara faz parte de diferentes histórias coletivas em que os autores priorizam retratar a força e resistência da personagem, combinando elementos de ancestralidade e luta pela liberdade e direitos.

Figura 09: Dandara e seu irmão Manoel, na HQ independente Dandara.



Fonte: Catarse⁸.

As histórias em quadrinhos que retratam a personagem são: Angola Janga, (2017), de Marcelo D'Saete, Dandara (HQ independente) e em histórias em quadrinhos escritas por autores independentes que buscam representar a história de figuras negras importantes na linha de frente da resistência afro-brasileira no período do escravismo.

Marcelo D'Saete, quadrinista, professor brasileiro e mestre em História da Arte pela Universidade de São Paulo, possui um vasto acervo de histórias em formato de graphic novels que retratam a história do povo afro-brasileiro através dos quadrinhos. D'Saete educa os leitores acerca de um período fundamental na história afro-brasileira por meio de de árduas pesquisas documentais realizadas pelo próprio autor, adentrando fundo na história do Brasil para compreender o período de escravatura no país. Graças a isso, suas histórias têm sido utilizadas como ferramentas para o ensino da história e cultura afro-brasileira.

⁸ “Na luta pela liberdade, dois irmãos terão que aprender sobre seu passado e enfrentar forças místicas”. Disponível em: <<https://www.catarse.me/dandara>>.

Figura 10: Marcelo D'Saete em entrevista na sala de oficinas do Sesc Pompeia.



Foto: Malu Mões.

D'Saete, utilizando das técnicas das revistas em quadrinhos, retrata com seus traços e narrativas a história de Zumbi dos Palmares através da obra *Angola Janga: uma história dos Palmares*. Com suas obras, vem contribuindo para uma ‘descolonização’ do imaginário, dando espaço para uma construção mais inclusiva da identidade de nosso país. É interessante ver como não somente tornou a história do povo afro-brasileira mais acessível aos jovens leitores, como também retratou Zumbi dos Palmares como um homem como qualquer outro: um líder lutando pelo seu povo, mas que também tem seus momentos de medos, dúvidas e sonhos.

“Desde aquela época, não superamos muitos dos problemas que acometem as populações negras, indígenas e pobres, grupos que são historicamente marginalizados. Hoje, com mais informação circulando, essas pessoas podem conhecer a própria história e levantar-se como sujeitos. É o que gostaria de passar com *Angola Janga*”⁹.

⁹ Em entrevista para a Revista Cult. Disponível em:
<<https://revistacult.uol.com.br/home/graphic-novel-angola-janga-palmares/>>.

Figura 11: Ilustração da obra Angola Janga.



Fonte: https://www.dsalete.art.br/hq_angolajanga.html

Além de Angola Janga, D'Salete possui outras obras que abordam a história da resistência a escravidão no Brasil a partir do ponto de vista do povo negro como é o caso de Cumbe (2014), dividida em quatro histórias em preto e branco, publicada pela mesma editora que Angola Janga, a editora Veneta.

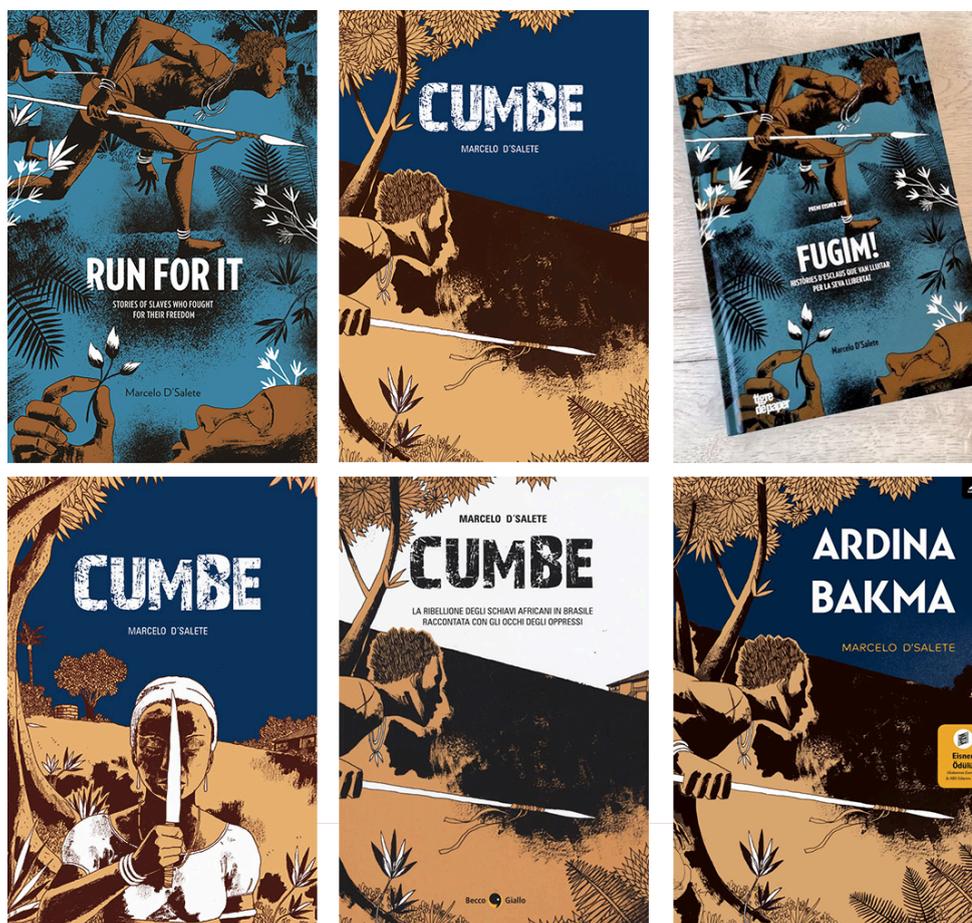
As obras de D'Salete não são apreciadas somente em âmbito nacional. Seu impacto perpassa as fronteiras brasileiras, levando suas histórias para outros países com suas obras enriquecidas com críticas sociais, como mostrado nas figuras 15 e 16, mostrando a visibilidade da literatura infantil negra e contribuindo positivamente para a visibilidade de autores negros ao redor do mundo.

Figura 12: Da esquerda para direita: Capas das edições portuguesa, editora Polvo / Edição austríaca em alemão, editora Bahoe Books/ Edição em espanhol, editora Flow Press / Edição francesa, editora Ça et Là / Edição americana, editora Fantagraphics / Edição em polonês, editora Timof.



Fonte: https://www.dsalete.art.br/hq_angolajanga.html

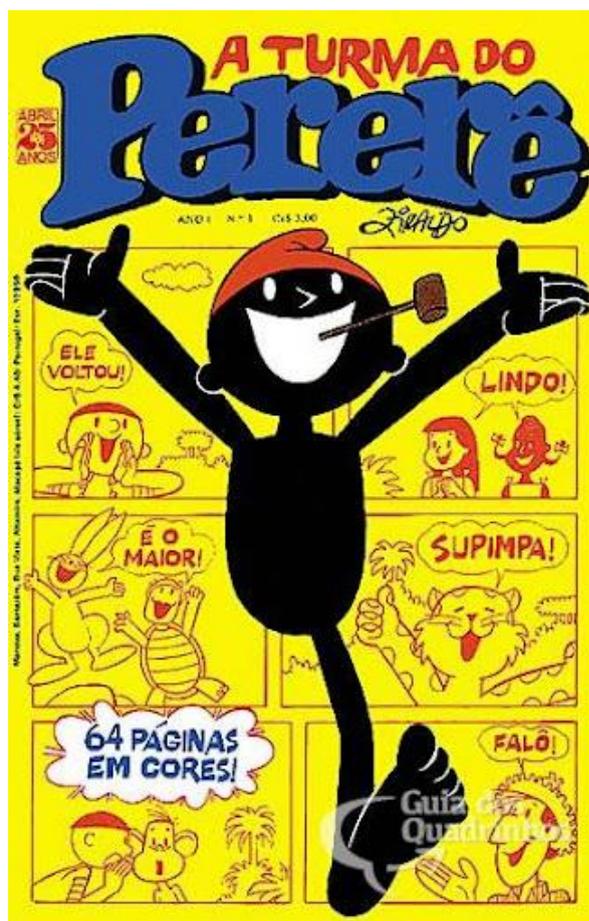
Figura 13: Da esquerda para direita: Capa das edições inglesa pela Fantagraphics / Edição francesa pela editora Ça et Là / Edição em catalão pela editora Tigre de Paper / Edição em alemão pela editora Bahoe Books / Edição italiana pela editora Becco Giallo / Edição turca pela editora Karakarga.



Fonte: https://www.dsaete.art.br/hq_cumbe.html

Como futura profissional da educação, vejo uma enorme importância nas obras de D'Saete no que se diz respeito às histórias do povo afro-brasileiro. O autor busca em suas histórias desmistificar como a história do povo afro-brasileiro é contada, colocando-os como protagonista de suas narrativas em uma árdua luta por sua liberdade e reconhecimento, também desta forma fortalecendo a identidade negra. As obras de D'Saete abrem oportunidades para que atividades com quadrinhos voltadas para a diversidade étnico-racial sejam um pontapé inicial para reflexões acerca de nossa história que é narrada de um ponto de vista eurocentrista.

Figura 14: Capa da revista em quadrinhos Pererê edição #1.



Fonte: Guia dos quadrinhos¹⁰.

Pererê, criado pelo cartunista brasileiro Ziraldo em 1958, compõe a lista de personagens marcantes dos quadrinhos nacionais por sua representação da diversidade e valorização da cultura popular. Sendo a primeira revista em quadrinhos totalmente colorida e genuinamente brasileira¹¹ e inspirado na figura folclórica do Saci-Pererê, descrito como um menino negro de uma perna só, com seu cachimbo e seu gorro vermelho, Pererê cativou um vasto público com sua personalidade.

Ao dialogar com folclore brasileiro e a história do negro no país, as histórias em quadrinhos mostraram-se ser um modo rico e versátil para a expressão artística e cultural, possibilitando aos autores a explorarem de modo educacional a complexidade da nossa cultura brasileira e sua identidade nacional. Todavia, assim como Jeremias, é perceptível o uso de blackface na criação de Pererê. Sendo um personagem negro, com uma perna só, que fuma cachimbo, combinada com a forma caricata que Ziraldo utilizou para dar vida ao personagem, estas características servem de reforço para estereótipos raciais ao ser desenhado

¹⁰ Disponível em: <<http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/turma-do-perere-a-n-1/tpr0031/12494>>

¹¹ Disponível em: <https://universohq.com/noticias/a-turma-do-perere-completa-55-anos/>

como um borrão negro. Essas mudanças, no entanto, fazem parte de um árduo trabalho contínuo contra a ridicularização do povo negro e de como estes são representados nas mídias.

3. “REFIRA-SE A MIM COMO DEUSA”: TEMPESTADE, A PRIMEIRA X-MEN NEGRA.

The true measure of life is in the living. It isn't a series of do-overs and restarts... It's fighting for what you have, what you believe in... It's fighting for who you are. I am a mutant. I am a goddess. And I want to live. (ORORO MUNROE, 2020, GIANT SIZE X-MEN: STORM vol. 11)

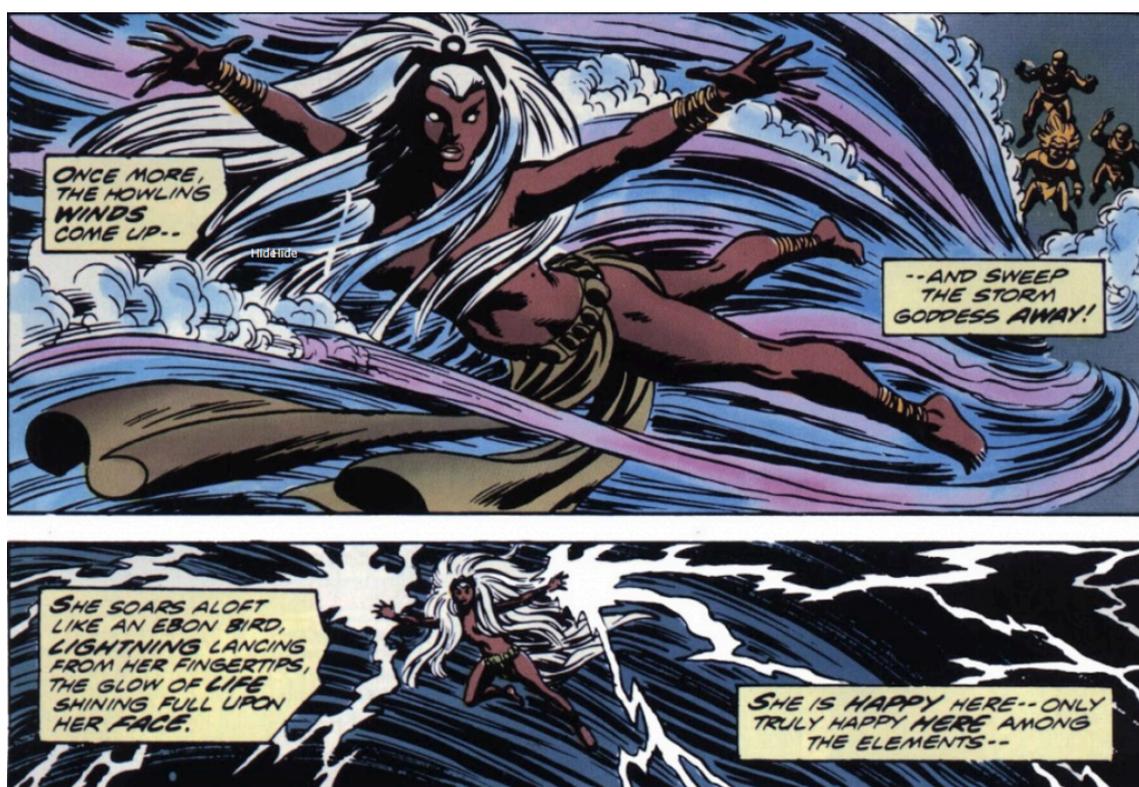
3.1 Rainha. Deusa. Andarilha das Nuvens.

Este meu trabalho de conclusão de curso deu-se pelo meu amor pelos quadrinhos. De colecionadora assídua de mangás e histórias em quadrinhos, tanto brasileiras quanto americanas, encontrei minha paixão por este último ainda muito nova através dos desenhos animados. Pode-se dizer que os desenhos animados abriram as portas para a criança leitora dentro de mim. Desta forma, tive a oportunidade de conhecer com mais dedicação a primeira personagem de minha cor. A primeira personagem em que me vi representada: A Tempestade.

Oro-ro Munroe, mais conhecida por seu codinome Tempestade, representa um significativo marco na história dos quadrinhos, sobretudo no que refere-se à representação da mulher negra. Embora não tenha sido a primeira personagem feminina negra a aparecer nos quadrinhos, Tempestade se destaca por ter sido a personagem com alto impacto cultural no quesito representatividade da força negra e da força feminina dentro da indústria.

Fruto de um romance interracial entre uma princesa africana e um fotógrafo norte-americano, sua primeira aparição foi em *Giant-Size X-men #1*, em maio de 1975, criada pelo quadrinista Len Wein, com os traços do ilustrador Dae Cockrun, ao lado de um novo time de mutantes intitulado *The New X-men*. Tempestade tornou-se um ícone cultural e símbolo de força, independência e identidade negra feminina. Sua criação contribuiu para a representação racial e de gênero nos quadrinhos.

Figura 15: Tempestade em sua primeira aparição Giant-Size X-Men #1.



Fonte: Marvel Wikia¹².

Foi devido aos movimentos civis da comunidade negra dos Estados Unidos reivindicando seus direitos, e do movimento feminista negro, que Ororo não caiu na mesmice de ter sido uma personagem com um passado raso, sem aprofundamento de sua cultura. O quadrinista Wein soube fazer proveito das riquezas que a cultura afro-americana possui, transformando a história de Munroe em algo que os cidadãos afro-americanos pudessem se sentir representados de alguma forma, seja por suas origens ou seu contato com a cultura de seu povo.

3.2 A sexualização e objetificação da mulher negra nos quadrinhos.

Desde sua criação até os dias atuais, a personagem se tornou uma das mais recorrentes e amadas dentro universo X-MEN, tanto em formato de quadrinhos quanto nos desenhos e filmes. No entanto, há toda uma problemática na caracterização da personagem. Infelizmente não é incomum a sexualização das mulheres e isto se estende para todas as mídias, nos quadrinhos inclusos.

É inegável que sua criação tenha sido um marco para a figura feminina negra e para o movimento feminista negro, trazendo representação num mundo onde personagens homens, e

¹² Giant-Size X-Men vol 1.1. Disponível em: <https://marvel.fandom.com/wiki/Giant-Size_X-Men_Vol_1_1>.

majoritariamente brancos, dominam a indústria dos quadrinhos e de outros meios midiáticos. Embora o movimento feminista estivesse presente desde o século XIX, o mesmo sempre foi um movimento que privilegiava as mulheres brancas. Com isto, a comunidade feminina negra organizou-se de forma que o movimento também as representassem.

Conforme aponta Dalbeto e Oliveira (2016):

É importante salientar que, apesar do feminismo ter beneficiado e revisto o papel da mulher perante a sociedade, ele não se estendia às mulheres negras. A diferença assumida pelos gêneros e combatida pelos movimentos não se dava apenas entre homens e mulheres, mas também entre os próprios gêneros.

Como toda mulher representada nos quadrinhos, Tempestade teve sua imagem muito sexualizada. Sua primeira aparição em *Giant-Size X-men #1*, onde a personagem é vista sobrevoando seminua pelos céus, é uma das provas da sexualização exacerbada que a figura feminina enfrenta. *Latinx Superheroes in Mainstream Comics*, Aldama (2007) expõe que "as personagens femininas das histórias em quadrinhos convencionais comumente são desenhadas de forma que sua sexualidade seja acentuada, muitas vezes às custas da profundidade e complexidade de suas personagens. Isso é particularmente verdadeiro para as personagens femininas de cor, que são duplamente objetificadas."

Há todo um contexto histórico e cultural acerca da sexualização da figura feminina negra nas mídias. Muitas dessas representações remetem a época da escravidão e ao colonismo, onde a mulher negra era vista como objeto e como símbolo de hipersexualidade. Tempestade, desde sua criação, tem sido retratada de forma altamente sexualizada com poses e vestimentas que enfatizam sua sensualidade.

[...] Black women in the media are portrayed as sexual objects and this is not on accident. Hollywood works hard at perpetuating dehumanizing stereotypes of people of color, and Black women often take the target hit for this. (MATTHEWS, 2018, p.5)

A tendência de hipersexualização e objetificação da figura da mulher nos quadrinhos com corpos curvilíneos em poses que desafiam as leis da física, seios e quadris arredondados, e em outros meios midiáticos, acabam sendo uma extensão do modo sexista e misógino em que a mulher permanece sendo vista aos olhos dos homens. Tais atribuições e representações pioram quando a figura feminina representada é a negra.

Figura 16: Evolução dos uniformes da Tempestade com o passar dos anos.



Fonte: Jamesons¹³, Marvel Comics.

Muito embora a sexualização da personagem persista nos traços de alguns artistas nos dias atuais, há outros que tentam atenuar esta representação ultrapassada e estereotipada da personagem. Tais mudanças podem ser vistas como uma lenta mudança na indústria dos quadrinhos. Há artistas em conjunto de autores que têm buscado realçar as habilidades de liderança e inteligência ao invés de sua aparência física.

No entanto, conforme aponta VLETT, et al (2023) em *With Great Power Comes Great Impressionability*: A Study of the Relation between Stereotypes and Superheroes “[...] embora a Marvel tenha tomado medidas para abraçar diferentes ângulos e diversificar suas mídias, e houve tentativas de redução de estereótipos na mídia, retratos estereotipados persistem.”

Em consonância desta argumentação de Vlett (2023), Goldenberg (2006), aponta que:

O corpo, principalmente o feminino, é como um objeto de trocas simbólicas, cujo sentido vem de fora, por meio de mecanismos de afirmação da cultura dominadora masculina. “Observa-se, na cultura de massa, especialmente na publicidade, na televisão, no cinema e nas revistas de moda e “saúde”, a construção de uma cultura de objetificação do corpo como importante capital de trocas simbólicas por meio do qual os indivíduos procuram “disciplinar” seus corpos para sentir-se pertencentes a determinados grupos sociais.

¹³ Uniforme da Tempestade ao longo dos anos. Disponível em:

<<https://jamesons.com.br/tempestade-ganha-novo-uniforme-branco-nos-quadrinhos/>>

3.3 Dos quadrinhos para televisão. Da televisão para os cinemas.

A representação da personagem vai para além dos quadrinhos, estendendo-se ao universo cinematográfico da Marvel, o MCU, iniciado em 2000, com X-Men: o filme, interpretada por Halle Berry. No entanto, diferente de outros personagens, Tempestade não teve o devido reconhecimento nos filmes, havendo críticas a respeito da falta de aprofundamento com o que a personagem representa nos quadrinhos.

Diferente de como é representada nos quadrinhos, onde possui alta conectividade com seus antepassados e sua cultura, nos filmes a personagem deixa a desejar em muitos quesitos. É o caso da rivalidade feminina entre Jean e Ororo, completamente inexistente nos quadrinhos onde ambas são amigas e confidentes uma da outra, conforme representado nos primeiros episódios da série animada X-MEN 97¹⁴ (2024), nos momentos partilhados por Ororo e Jean¹⁵, e a forma como os roteiristas falharam em trabalhar sua capacidade de liderança, sempre colocando-a em situações onde sentia-se incapaz ou mostrava-se submissa a outros personagens. Há também uma enorme falta de conectividade com a cultura africana da personagem, negligenciando toda uma história rica em identidade cultural.

¹⁴ X-Men '97 é uma série de animação americana criada por Beau DeMayo para o serviço de streaming Disney+, baseada na equipe de super-heróis da Marvel Comics, os X-Men. É um Revival de X-Men, continuando a história dos X-Men que enfrentam novos desafios após a perda de seu líder, o Professor X.

¹⁵ No começo da série animada, a Jean apresentada inicialmente não era a verdadeira Jean. Mais tarde é revelado que a personagem era Madelyne Pryor, clone de Jean Grey gerada por Sr. Sinistro.

Figura 17: Relação de Jean e Oloro em X-Men 97



Fonte: X-Men News Source¹⁶.

Oloro é filha de uma princesa queniana, que, após a morte dos pais quando moravam no Egito, precisou lutar para sobreviver, tornando-se uma ladra. Anos mais tarde, ela segue seu destino caminho ao Sul das planícies do Serengeti, onde passa a ser venerada como uma deusa pelas tribos que ali viviam por ajudá-los com seus poderes. Todavia, toda essa narrativa que abrange o passado da personagem não é citada em lugar algum no filme. Assim como toda a sua bagagem cultural de mulher negra africana orgulhosa de suas origens, com poderes que a colocam como uma das personagens mais poderosas do universo Marvel. Imagine o

¹⁶ Amizade de Jean e Oloro representada na série animada X-MEN 97. Disponível em: <<https://www.facebook.com/xmensource/posts/x-men-97-brought-the-best-representation-of-jean-storms-friends-hip-outside-of-co/278729421987101/>>

quanto de meninas e mulheres não estariam, hoje, sendo inspiradas por esta representação positiva?

Figura 18: Da esquerda para a direita: X-Men (2000), X-Men: United (2003), X-Men: The Last Stand (2006) e X-Men: Days of Future Past (2014)



Fonte: Marvel Studios.

A personagem, ainda bastante sexualizada, veio para mostrar o poder da força negra feminina. Conforme aponta Dalbeto e Oliveira (2016), diferente de outras personagens onde o esperado é que a mulher seja retratada de forma dependente e submissa em seus relacionamentos, Tempestade não se encaixa nestes padrões ao ter abdicado de seu casamento com T'Challa ao seguir sua jornada.

Na decisão de seguir seu destino ao recusar o papel tradicional de esposa e rainha, abriu-se portas para o empoderamento feminino que desafia as normas de gênero e as expectativas sociais, tornando Tempestade um símbolo de independência e auto afirmação, inspirando a comunidade feminina, principalmente a negra, a compreender e seguir seu próprio caminho, construindo sua própria jornada.

Sua presença e trajetória nos quadrinhos e nos filmes tem servido como resistência contra a invisibilidade das mulheres negras na mídia. Não somente ocupando o espaço como personagem em posição de líder, mas redefinindo os parâmetros, antes estabelecidos aos homens, de poder e heroísmo, ao representar, positivamente, a força da mulher negra aos leitores.

4. IMPACTO DO SURGIMENTO DO SUPER-HERÓI NEGRO.

“Só me joga no oceano com meus ancestrais que saltaram dos navios, já que a escravidão é pior que a morte.” (KILLMONGER, Black Panther)

4.1 Décadas de 1950, 1960 e 1970: quadrinhos e o Movimento Negro.

O final da década de 1950 e começo da década de 1960, testemunharam o surgimento de intensos movimentos de resistência negra contra as leis segregacionistas que vigoravam na época nos Estados Unidos. De ativistas pacíficos como Martin Luther King Jr. e Rosa Parks, que defendiam o uso da não-violência em seus discursos, a ativistas que seguiam por aspectos mais radicais para alcançar a libertação negra, como Malcom X e o Partido dos Panteras Negras que defendiam o uso da autodefesa armada, indo contra a abordagem não-violenta de King e Parks.

[...] o ano de 1955 foi marcado por protestos em massa da população negra nos EUA e foi também o ano que marcou o boicote aos transportes públicos em Montgomery, Alabama. Isso ocorreu quando Rosa Parks, uma ativista do NAACP, se recusou a conceder seu assento para um homem branco e seu posicionamento influenciou uma onda de boicotes aos transportes públicos, os quais foram capazes de demonstrar o poder de mobilização da comunidade negra contra o sistema de segregação institucional no país. (PEREIRA, 2019, p.41)

Conforme a crescente pressão social e política que começou a ser sentida por governantes da época, leis fundamentais para as conquistas do povo negro foram sendo aprovadas, como é o caso da Lei dos Direitos Civis (1964) e a Lei dos Direitos ao Voto (1965), que garantiram o fim da segregação racial em espaços públicos e o voto universal. Foi graças aos movimentos sociais pelos direitos civis, juntamente com os movimentos feministas (negro) da década, que serviram de influência para desenhistas e autores de quadrinhos para que começassem a refletir sobre a questão racial e igualdade.

De acordo com o destaque no primeiro capítulo deste trabalho, a década de setenta foi considerada, na indústria dos quadrinhos, como o berço da Era de Prata. Após os Movimentos Civis dos Direitos Negros, houve uma transformação significativa na complexidade dos quadrinhos com autores explorando e dando voz a personagens com narrativas mais próximas ao cotidiano real e temas mais adultos. Todavia, estes respaldos de representatividade e consciência social negra não deu-se somente no campo dos quadrinhos, sendo sentido em outras áreas de entretenimento, principalmente na música. Desta forma, tornaram-se inevitáveis os inúmeros super-heróis negros nas revistas em quadrinhos, dando espaço e reconhecimento a cultura africana, ainda que a passos mínimos.

Pode-se assumir o Movimento Negro nos Estados Unidos como um despertar da comunidade afrodescendente no que tange a décadas de alteridade e segregação de direitos civis a essa população (...) A reafirmação da negritude no contexto estadunidense é essencial para se compreender uma transformação cognitiva de negros e negras na sociedade, bem como o resgate a raízes culturais africanas." (PEREIRA, 2019, p. 47)

Em 1970 o gênero cinematográfico "*blaxploitation*" tornou-se popular. O gênero, que mescla as palavras "*black*", de negro, e "*explotation*", de exploração, surgiu como uma resposta direta a partir da carência que o povo afro-americano possuía de representação afro-americana nas telas de cinemas convencionais, juntamente com a incessante luta pelos direitos civis. Com filmes dirigidos por cineastas negros, assim como tendo seu elenco todo composto por atores e atrizes negras, o foco da "*blaxploitation*" era a audiência afro-americana.

De acordo com Caetano (2020), o movimento "*blaxploitation*":

[...] abarca de forma bem abrangente diversos gêneros cinematográficos com seus respectivos conjuntos de narrativas e temáticas, porém todos eles têm algo em comum: são filmes que procuram de alguma forma mostrar a saída da marginalidade e, ao mesmo tempo, a entrada para legitimidade, toda essa produção cinematográfica está buscando legitimar a participação da comunidade afro-americana nos anos da contracultura.

Embora este movimento tenha durado pouco menos de uma década, foi o suficiente para que o movimento abrisse mais oportunidades para a representação do povo negro. Nos quadrinhos, tema de pesquisa deste trabalho, o gênero influenciou na características e criações de alguns personagens como Luke Cage, Misty Knight, Black Lightning e o próprio Falcão.

O movimento *blaxploitation* e os autores de revistas em quadrinhos se influenciaram mutuamente. O *blaxploitation* veio como uma forma de empoderamento da comunidade afro-americana e, por consequência, os autores de quadrinhos se viram altamente influenciados por este gênero na diversidade e inclusão de raças.

4.2 O negro como protagonista nos quadrinhos e filmes de super-heróis.

Por décadas vimos a figura do super-herói ser associada a grandes idealizações eurocêntricas: personagens brancos, poderosos, líderes. No entanto, nos últimos anos, temos visto uma grande resignificação desta posição. Portanto, neste capítulo, procurarei trazer alguns dos inúmeros personagens negros que se beneficiaram dos movimentos civis nos Estados Unidos e que, com isto, ampliaram sua representação no universo dos quadrinhos tanto quanto no cinematográfico.

Quando falamos sobre o homem negro como super-herói, não podemos deixar de abordar sobre o primeiro filme que deu espaço para a representatividade. Com o lançamento do filme Pantera Negra em 2018, a primeira produção do universo cinematográfico Marvel, não somente com o primeiro protagonista negro na pele de um super-herói, mas contando com um elenco majoritariamente negro, houve uma virada na história cinematográfica e, principalmente, na forma como o negro sente-se representado, tornando a nação fictícia de Wakanda um símbolo de orgulho e empoderamento para a comunidade negra.

A representação positiva cinematográfica de personagens negros masculinos, como T'Challa, (interpretado por Chadwick Boseman) o rei de Wakanda, em conjunto com a enorme representação da força da mulher negra, com Shuri (Letitia Wright), Ramonda (Angela Bassett) e Okoye (Danai Gurira), e o modo respeitoso que a nação fictícia Wakanda representou a cultura africana marcam os pontos altos do filme. O filme todo desafia esses estereótipos lançados na comunidade negra há séculos, com personagens ricos em desenvolvimento e que ocupam um lugar de liderança. Os impactos do legado de Pantera Negra repercutem até os dias de hoje, influenciando, principalmente, na indústria da música e na literatura.

Nas palavras de Silva e Quadrado (2016):

Os negros sempre tiveram suas próprias histórias, simbolismos e identidades do continente africano passadas pelas gerações, e que foram silenciadas pela aculturação e silenciamento desse povo que excluiu seu poder cultural. Portanto, mesmo sendo considerado apenas um gênero cultural, o afrofuturismo projeta as possibilidades futurísticas de um povo, ultrapassando o gênero cultural e fluindo na vida real.

Nos quadrinhos, assim como no filme Pantera Negra: Wakanda para sempre (2022), Shuri também veste o manto de Pantera Negra. E embora seja em circunstâncias diferentes, não deixa de ser de um modo igualmente triste para a nação ao ter seu, então, Rei, T'Challa, gravemente ferido em batalha. O manto, por séculos, foi passado de homem para homem, quebrando essa tradição quando Shuri se viu desafiada a usá-lo para salvar a vida de seu irmão e proteger sua nação. Um contraponto na maneira como Shuri detém o manto é que, nos quadrinhos, ela exige aos ancestrais que o manto seja dela, fazendo os ancestrais se sentirem desrespeitados, negando o pedido à mulher e fazendo-a retornar sem o manto de Pantera Negra. No entanto, com sua força e resiliência, ela não desiste e parte em batalha sem o manto. Retornando vitoriosa, e por se mostrar confiante e defender sua nação, os espíritos

voltam atrás e concedem os poderes do Pantera Negra, fazendo de Shuri a nova rainha e protetora de Wakanda.

Figura 19: Da esquerda para a direita: O manto de Pantera Negra sendo oferecido a Shuri em Shuri (2018) e Shuri, a direita, como Pantera Negra (2009) #1.



Fonte: Marvel Comics¹⁷.

Figura 20: Da esquerda para a direita: Shuri, Ramonda e Okoye em Black Panther: Wakanda Forever (2021).



Fonte: Google Imagens.

O filme Pantera Negra veio para se consolidar como um legado da cultura negra, abrindo cada vez mais portas para que outros personagens negros tenham a possibilidade de

¹⁷ Disponível em:

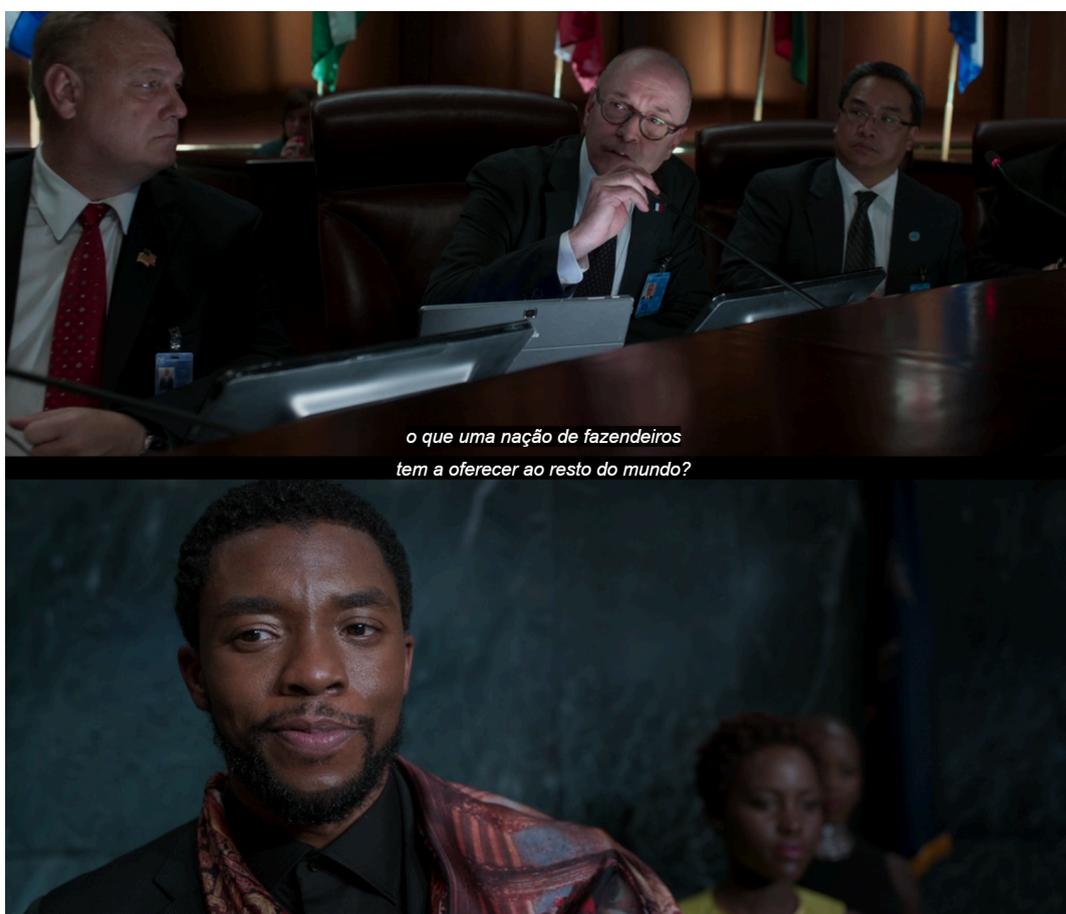
<<https://www.marvel.com/articles/comics/how-did-shuri-become-black-panther-in-the-comics>>

se tornarem um exemplo positivo a raça, nos recheando com histórias e cultura num universo que, até poucos anos atrás, eram reservados somente aos brancos-burgueses.

O afrofuturismo apresentado no filme perpassa para além da estética, instigando o espectador a adentrar nas raízes da cultura africana. Wakanda é conhecida como um país onde a conexão do povo com seus ancestrais é mostrada ao decorrer do filme através de rituais que trazem uma profundidade maior à narrativa. A conexão com a natureza também mostra-se recorrente, assim como o uso da tecnologia pelas mãos da irmã de T'Challa, a Shuri.

Meu nome é Rei T'Challa, filho do Rei T'Chaka. Sou o soberano governante da Nação de Wakanda e, pela primeira vez em nossa história, compartilharemos nosso conhecimento e recursos com o mundo exterior. Wakanda não mais observará das sombras. Não podemos, não devemos. Trabalharemos para ser um exemplo de como nós, como irmãos e irmãs nesta Terra, devemos nos tratar. Agora mais do que nunca, ilusões de divisão ameaçam nossa própria existência. Todos nós sabemos a verdade: mais coisas nos conectam do que nos separam. Em tempos de crise, os sábios constroem pontes, enquanto os tolos constroem barreiras. Devemos encontrar uma maneira de cuidar uns dos outros, como se fôssemos uma única tribo. (PANTERA NEGRA, 2018)

Figura 21: Cena de discurso de T'Challa, na ONU.



Fonte: Pantera Negra (2018) 02:05:20 - 02:06:40

Em uma entrevista concedida ao *ET Online*, o diretor do longa, Ryan Coogler, explica a verdade por detrás deste discurso do personagem:

Quando as pessoas dizem 'este filme é um filme político' eu digo claro. Pantera Negra é um político. É o primeiro filme da MCU sobre um político, então faz sentido que seja um filme político. E se este personagem tem que fazer um discurso de governo, que tipo de coisas ele diria? A frase que ele diz é um provérbio africano que eu e minha esposa achamos quando estávamos trabalhando nisso. Nós escrevemos isso quando Obama ainda era presidente.

Neste subcapítulo, estarei trazendo um compilado de personagens que foram reinventados ao longo das décadas, após lutas e lutas do povo negro em busca de representação. Personagens cuja criação e história passaram por um processo de transformação e que refletem a luta pela igualdade racial e reconhecimento do povo negro. Conforme aponta LOPES (2012):

O surgimento de Mandrake, de Lee Falk e Phil Davis, em 1934, considerado o primeiro super-herói foi um marco na narrativa fantástica e abriu a seara para o Superman, em 1938, de Jerry Siegel e Joe Shuster. Moacyr Cirne ressalta que entre o surgimento do Superman e o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, havia cerca de 400 personagens desse gênero. Notamos aí a quase inexistência de personagens negros, principalmente ocupando papel de protagonistas.

Ainda que tenhamos T'Challa como um ícone na representatividade negra dos quadrinhos, e nas telas de cinema, Sam Wilson, conhecido por seu codinome “Falcão” (no original, Falcon), foi um dos primeiros super-heróis negros das histórias em quadrinhos da Marvel. Criado por Stan Lee e Gene Colan, sua primeira aparição foi em *Captain America #117*, lançado em setembro de 1969. Wilson é descrito como um confidente e aliado mais próximo de Steve Rogers, muito comumente sendo visto em trabalhos com o herói da América. Sam é especialista em tecnologia. Seu traje permite que o herói consiga fazer manobras enquanto voa, sendo imprescindível sua presença em missões que envolvam reconhecimento e combate.

Nos quadrinhos, Sam Wilson, assim como muito dos personagens negros, possui um passado conturbado. Crescendo em um bairro considerado perigoso, viu seu pai ser morto ao tentar impedir uma briga. Desde este episódio, Wilson prometeu a si mesmo a evitar se envolver em quaisquer tipo de maldades, procurando viver uma vida tranquila em meio ao caos.

No entanto, por toda a raiva e tristeza por conta de sua vivência, seus caminhos o levaram para os crimes, adotando o codinome "Snap", ao oferecer serviços para a máfia, em Nova Iorque. Em uma de suas viagens, Wilson acabou sendo dominado pelo Caveira Vermelha¹⁸, que planejava enganar o Capitão América. Desta dominação, acabou herdando os poderes telepáticos com aves, através do cubo cósmico¹⁹. Alguns anos se passaram até que Wilson se rebelasse contra o vilão e unindo forças com Capitão América.

Figura 22: Da esquerda para direita: Sam Wilson em sua primeira aparição nos quadrinhos. / Sam Wilson com o manto de Capitão América.



Fonte: Marvel Comics.

No universo cinematográfico da Marvel, Sam Wilson é interpretado por Anthony Mackie, tendo sua primeira aparição em “Capitão América 2: O Soldado Invernal” (2014), “Os Vingadores: Era de Ultron” (2015), “Ant-Man” (2015), “Capitão América: Guerra Civil” (2016), “Os Vingadores: Guerra Infinita” (2018), “Os Vingadores: Ultimato” (2019), na

¹⁸ É um super vilão das histórias em quadrinhos americanas da Marvel Comics, criado por Joe Simon, Jack Kirby, e France Herron, publicado pela primeira vez em *Captain America Comics* #7.

¹⁹ O Cubo Cósmico também conhecido por tesseract ou tesseracto é o nome de um objeto fictício com essa forma (depois apareceriam outros similares, de diversas geometrias), surgido nos quadrinhos da Marvel Comics. Disponível em: <[Cubo Cósmico | Marvel Wiki | Fandom](#)>

minissérie "Falcão e o Soldado Invernal" (2021) e em seu filme solo a ser lançado "Capitão América: Admirável Novo Mundo" (2025).

Figura 23: Sam Wilson no MCU.



Fonte: Marvel News Source²⁰.

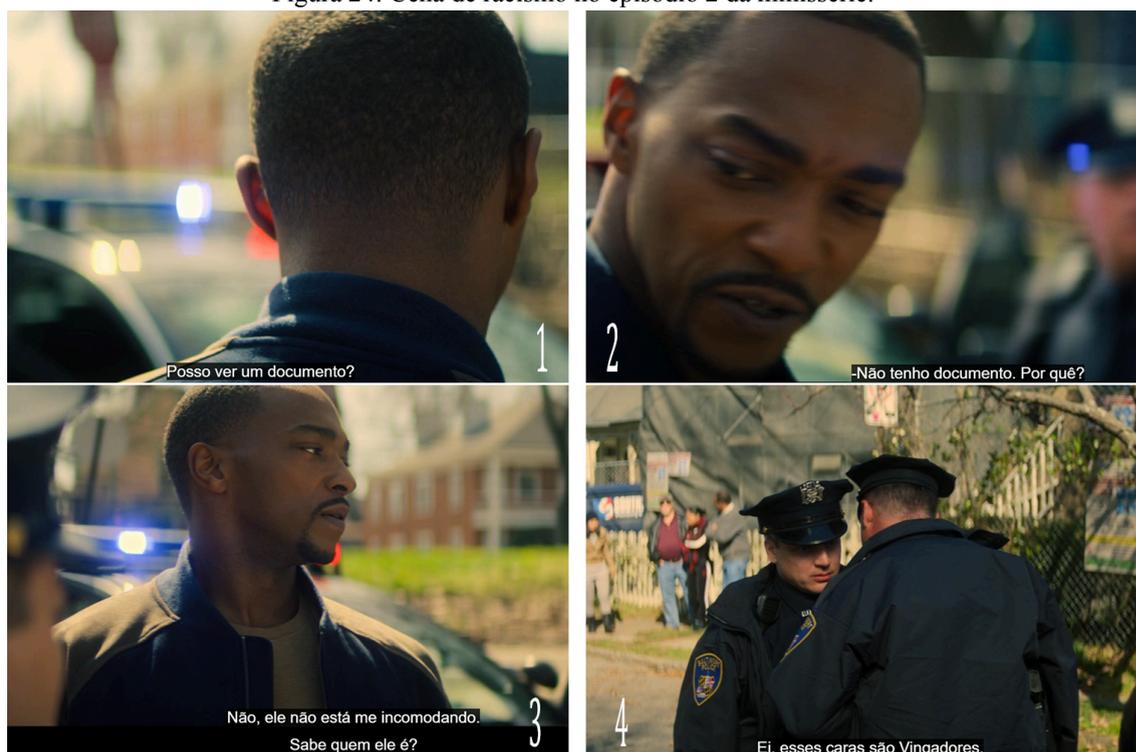
Após os acontecimentos em “Vingadores: Ultimato” (2019), quando Steve Rogers decide passar o manto de Capitão América para Sam Wilson, o mesmo se encontra com dificuldades em se conectar com o legado deixado pelo amigo na minissérie “Falcão e o Soldado Invernal” (2021). A série serve como uma passada de manto e do legado do Capitão América. Wilson precisa lidar com a pressão e as expectativas colocadas em si pelos outros, uma vez que boa parte da população americana não se viu contente com a mudança.

²⁰ Anthony Mackie as Sam Wilson, a.k.a. Falcon & Captain America in the MCU. Disponível em: <https://www.facebook.com/story.php/?story_fbid=425080643773570&id=100088149146926>

Deste modo, a série aborda o racismo sofrido pelo super-herói, ainda que reconhecido por seus feitos como Falcão, nota-se uma barreira quando se pensa nele como o herói da América.

No segundo episódio intitulado “O Herói Americano”, é revelado a Sam Wilson, através de uma visita com Bucky, a existência de outro super-soldado. Um super-soldado negro chamado Isaiah Bradley. Isaiah, nos quadrinhos, assumiu o manto de Capitão América, mas sua história é tão trágica quanto a minissérie. Descontente com a forma como isso foi escondido de você, Wilson confronta Bucky sobre as escolhas que o levaram a esconder a existência de um outro super-soldado. Enquanto conversam, uma viatura da polícia se aproxima e os pára, adotando um comportamento hostil com Sam Wilson. Curiosos param para entender o que está acontecendo.

Figura 24: Cena de racismo no episódio 2 da minissérie.



“Policia1 1: Posso ver um documento?” “Sam Wilson: Não tenho documento. Porque?” “Policia1 1: Ok, senhor, fique calmo.” “Sam Wilson:” Eu estou calmo. O que foi? Estamos conversando.” “Policia1 1: Olha, ele está te incomodando?” “Bucky Barnes: Não, ele não está me incomodando. Sabe quem ele é?” “Policia1 2: Cara, eles são os Vingadores.”

Fonte: “Falcão e o Soldado Invernal” (2021) 30:50 - 31:33

Na cena, o policial alega que não havia reconhecido o herói sem o costumeiro óculos de seu traje. Entretanto, o olhar de decepção do personagem não passa despercebido aos olhares

dos espectadores. A cena é uma representação rotineira do povo negro. Ao mostrarem o mínimo da exaltação, nuance no tom de voz, a comunidade negra é vista como indivíduos agressivos e espalhafatosos.

"The Negro is an animal, the Negro is bad, the Negro is mean, the Negro is ugly; look, a nigger!"²¹" (FANON, 1952)

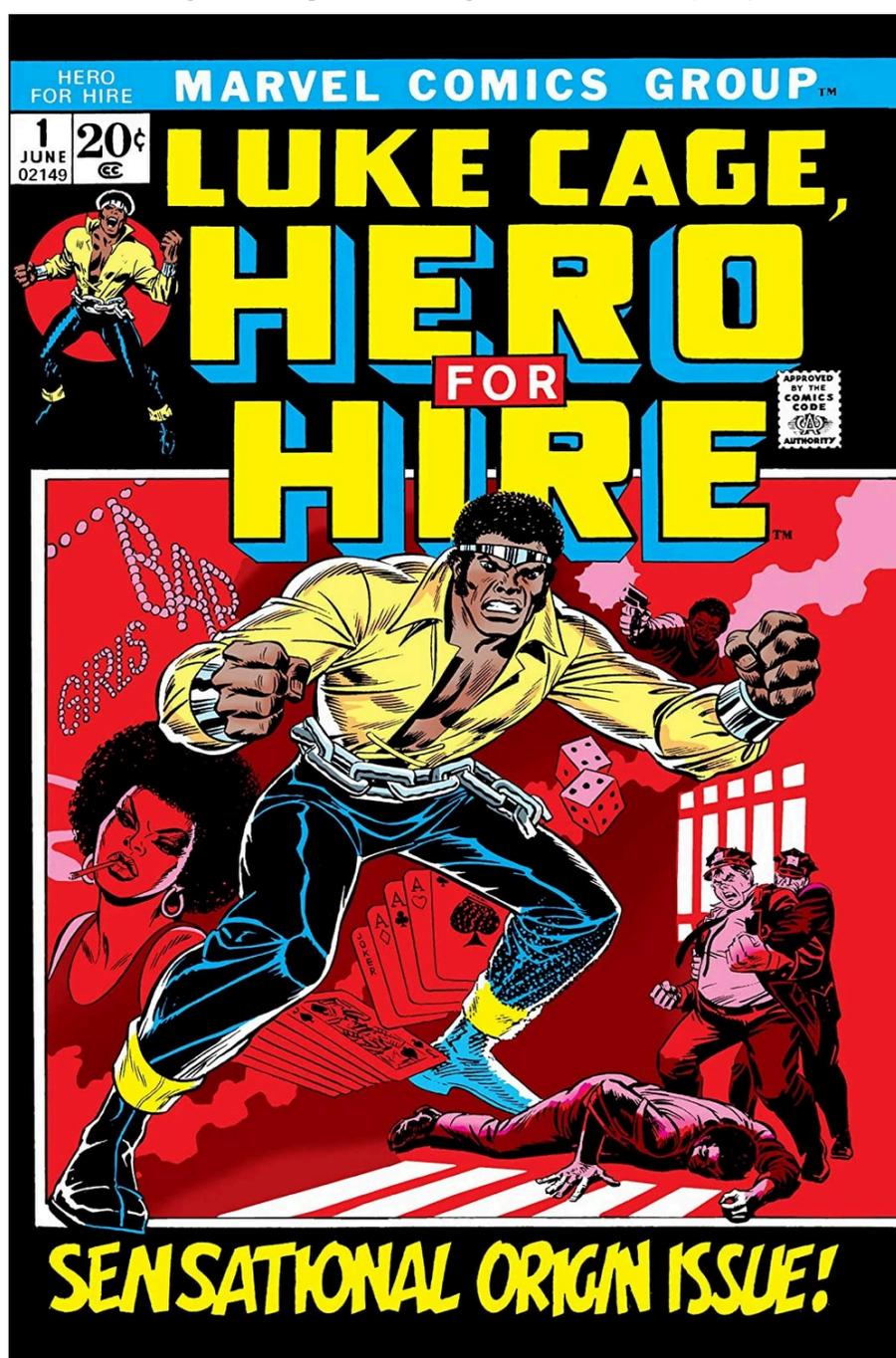
Conforme dito antes, a série gira em torno dessa hesitação de Wilson em se tornar o Capitão América. O personagem se vê em uma posição que nunca fora posto antes: a de carregar um símbolo que, historicamente, nunca foi associado a personagens de cor. A cada episódio embarcamos numa narrativa que explora, de forma direta, o racismo americano e as incertezas daqueles que se vêem em cargos de liderança anteriormente reservados aos brancos.

À medida em que a série avança, Wilson percebe a forma como ambos supersoldados, Steve Rogers e Isaiah Bradley, tiveram tratamentos diferentes, ainda que ambos trabalhassem para a Força Americana, aumentando ainda mais seu conflito interno. Enquanto Rogers, seu parceiro, era visto como herói e rosto da América, Isaiah foi preso por 30 anos para servir como rato de laboratório para a HIDRA. A narrativa da série também promove a definição do que é ser herói do ponto de vista do personagem negro. Sam Wilson percebe que para além de combater vilões, ser herói, um herói negro, é ser alvo de injustiças sociais e enfrentá-las com convicção. É ser o porta-voz para a comunidade que almeja representatividade.

Outro personagem que merece destaque e reconhecimento é Luke Cage, fruto da influência da blaxploitation. Cage também é um personagem de proeminência no universo dos super-heróis, destacando a resistência da comunidade negra. Criado em 1972 por Archie Goodwin, George Tuska, Roy Thomas e John Romita, Luke cage foi um dos primeiros heróis negros a protagonizar sua própria série em quadrinhos. Assim como diversos personagens negros criados na época, Cage também carrega em sua criação uma enorme carga simbólica e significativa da luta pelos direitos civis nos Estados Unidos.

²¹ Tradução: "O negro é um animal, o negro é mau, o negro é cruel, o negro é feio; veja, um negro!"

Figura 25: Capa de Luke Cage, Hero for Hire #1 (1972)



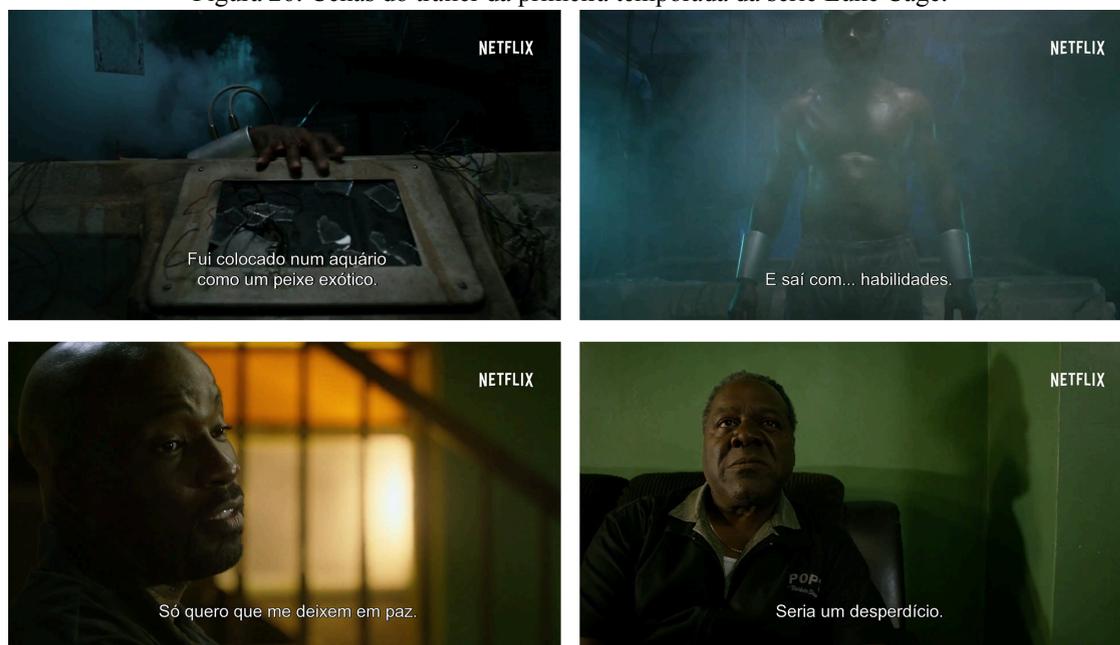
Fonte: Marvel Comics.

<[https://marvel.fandom.com/pt-br/wiki/Luke_Cage_\(Terra-616\)?so=search](https://marvel.fandom.com/pt-br/wiki/Luke_Cage_(Terra-616)?so=search)>

Sendo um ex-presidiário, após ser condenado erroneamente por um crime que não cometeu, é através de um experimento científico sabotado que ele adquire seus poderes. Fugindo dos estereótipos de vingança que muitos autores atribuem a seus personagens, Luke Cage caminha por um outro viés: o da proteção. Ele utiliza de seus poderes para proteger o bairro onde nasceu em Nova Iorque, o Harlem, tornando-se um herói para sua comunidade.

Em 2016 Luke Cage (interpretado por Mike Colter) também teve sua representação nas plataformas de *streaming*²² através da série que carrega seu nome.

Figura 26: Cenas do trailer da primeira temporada da série Luke Cage.



Fonte: Netflix (0:17 - 0:27)

Com duas temporadas com 13 episódios cada, totalizando 26, a série dá uma nova dimensão ao personagem ao abordar questões contemporâneas como a brutalidade exacerbada policial, a gentrificação²³ e identidade cultural. Antes de ter sua própria série solo, Luke Cage foi introduzido na série Jessica Jones (2015), tendo o seu retorno na série Os Defensores (2017).

James “Rhodey” Rhodes, conhecido por seu codinome “Máquina de Combate”, faz parte dos personagens negros significativos do universo Marvel. Criado por David Michelinie e John Byrne, a primeira aparição de Rhodey foi em “Iron Man #118”, em 1979. Desde então, Rhodes tem desempenhado papéis cruciais tanto no universo dos quadrinhos Marvel, quanto no universo cinematográfico.

²² Tecnologia de transmissão de conteúdo online que nos permite consumir filmes, séries e músicas.

²³ Processo de transformação de áreas urbanas que leva ao encarecimento do custo de vida e aprofunda a segregação socioespacial nas cidades. disponível: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/gentrificacao.htm#:~:text=Gentrifica%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20um%20processo%20de,a%20expuls%C3%A3o%20de%20antigos%20moradores.>>

Figura 27: James Rhodes, da Terra 616, em Iron Man vol 118.



Fonte: Marvel Wiki

<[https://marvel.fandom.com/pt-br/wiki/James_Rhodes_\(Terra-616\)](https://marvel.fandom.com/pt-br/wiki/James_Rhodes_(Terra-616))>

Inicialmente introduzido como amigo e aliado de Tony Stark, Rhodes é um ex-fuzileiro naval dos Estados Unidos e um engenheiro altamente capacitado, que assumia o manto de Homem de Ferro, quando Stark passa a ter complicações pessoais em sua vida, antes de herdar a armadura de Máquina de Combate. No universo cinematográfico da Marvel (interpretado, primeiramente, por Terrence Howard em Homem de Ferro (2008) e, posteriormente por Don Cheadle a partir de Homem de Ferro 2 (2010), manteve-se a participação significativa do personagem.

Figura 28: Da esquerda para direita: Terrence Howard como James Rhodes (Iron Man 2008) e Don Cheadle como James Rhodes (Iron Man 2, 2010)

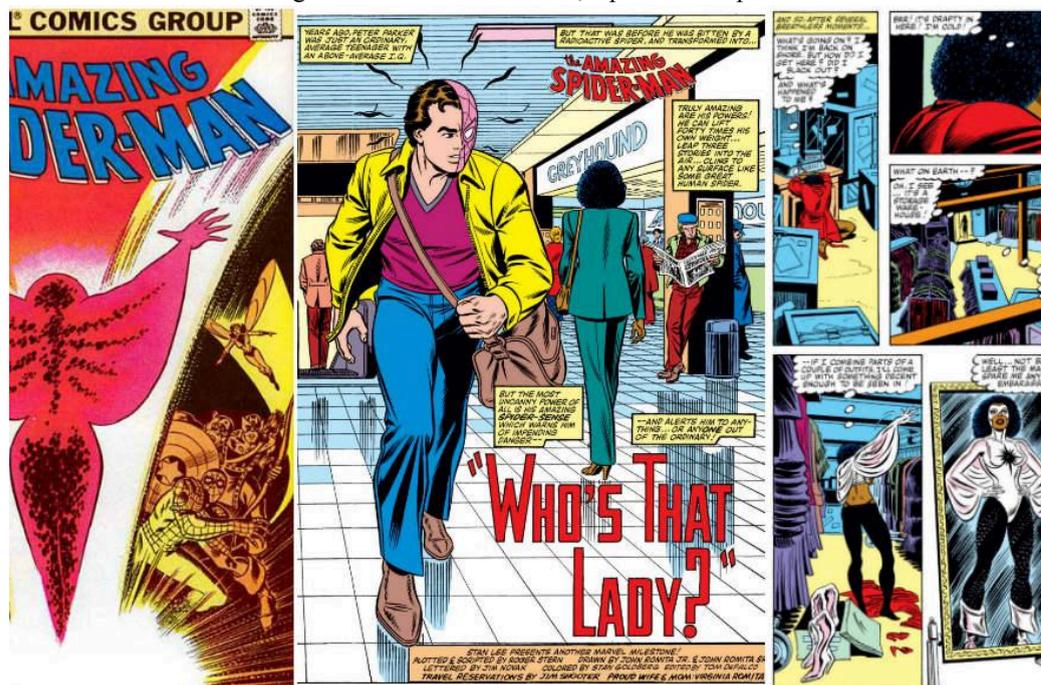


Fonte: Google Imagens.

Até agora foram vistos personagens negros homens a frente da representatividade nos quadrinhos e filmes de super-heróis. Todavia, este lugar não somente está reservado a este gênero. Personagens femininas também fazem parte do movimento que busca trazer mais visibilidade e representatividade positiva à comunidade, ao lado de Shuri e Tempestade.

Monica Rambeau, criada por Roger Stern e John Romita Jr, em 1982, é uma das personagens femininas mais poderosas e influentes do universo Marvel, tendo assumido, dentre várias identidades heróicas, o manto de ninguém menos que Capitã Marvel. Tendo sua primeira aparição nos quadrinhos em *The Amazing Spider-Man Annual #16* (1982), Rambeau adquiriu seus poderes quando ainda era tenente da patrulha portuária de Nova Orleans ao ser exposta a uma explosão de energia extradimensional.

Figura 29: Monica Rambeau, a primeira Capitã Marvel.



Fonte: Marvel Comics e Plano Crítico²⁴.

Monica foi a primeira mulher negra a assumir o manto de Capitã Marvel. Com alta capacidade de liderança e habilidades excepcionais, acabou se tornando, por um breve período de tempo, líder dos Vingadores antes de abandonar o manto e assumir o codinome Espectro. Sua adaptação na mídia deu-se a partir do filme Capitã Marvel (2019) como filha da melhor amiga de Carol Danvers, atual Capitã Marvel, Maria Rambeau, e de sua participação na série de *streaming* WandaVision²⁵, (2021), sendo interpretada por Teyonah Parris. Em WandaVision Monica segue a carreira de astronauta e soldado pela S.W.O.R.D, uma organização governamental que lida com ameaças extraterrestres. Em novembro de 2023, juntou-se no longa-metragem cinematográfico da Marvel “The Marvels” ao lado de Carol Danvers e Kamala Khan para salvar o universo (mais uma vez!).

²⁴ <https://www.planocritico.com/critica-a-primeira-capita-marvel-monica-rambeau/>

²⁵ WandaVision é uma minissérie estadunidense criada para o Disney+ por Jac Schaeffer, baseada nos personagens Wanda Maximoff / Feiticeira Escarlata e Visão, da Marvel Comics.

Figura 30: Monica Rambeau em The Marvels (2023) ao lado de Carol Danvers (Capitã Marvel) ao centro e Kamala Khan (Ms. Marvel) a esquerda.



Fonte: Google Imagens.

Ao longo dos anos, personagens como Superman e Mulher-Maravilha se consolidaram como personagens chaves nas histórias em quadrinhos, expandindo sua influência representativa para outras mídias com suas inúmeras adaptações contínuas de suas histórias de filmes para séries de televisão e animações. Vimos até aqui que personagens podem acabar por adquirir o manto de algum outro, ainda que temporário, e estes possuem grande visibilidade. Esta lógica também se aplica ao Superman e à Mulher-Maravilha. No vasto universo diversificado da DC Comics, a inserção de personagens como Nubia e Calvin Ellis promovem o mesmo debate de inclusão que a série Falcão e o Soldado Invernal: o peso de um símbolo nunca destinado a pessoas de cor.

Nubia, criada por Robert Kanigher e Don Heck e introduzida em Wonder Woman #204, em 1973, inicialmente como irmã gêmea perdida de Diana (Mulher-Maravilha), tendo um *soft reboot* em sua introdução anos depois. Na versão de WW #204, seguindo os moldes de criação de Diana, Nubia foi moldada a partir do barro pela Rainha Hipólita, com o diferencial ao ser criada por Ares, o Deus da Guerra, após ser raptada pelo mesmo na intenção de criá-la para ser uma guerreira imbatível. Em algumas edições, Nubia assume o manto de Mulher-Maravilha, sendo a primeira Mulher-Maravilha negra da história.

No universo atual, Nubia é apresentada, primeiramente, como Princesa de um antigo reino na ilha africana de Madagascar antes de se tornar uma guerreira Amazona em Wonder Woman Vol 5 #75 (2019). Após Hipólita abdicar como Rainha, Nubia foi nomeada como a nova Rainha de Themyscira e, por consequência, rainha de todas as amazonas. Ao contrário de sua irmã, Nubia não possui muitas representações fora dos quadrinhos, ainda que sua

importância nos quadrinhos permaneça inquestionável. Em 2021 a personagem ganhou uma série de quadrinhos solo “Nubia: Real One”, para a reintrodução da personagem ao público.

Figura 31: Nubia: The Real One (2021) a esquerda e Nubia e as Amazonas vol. 11



Fonte: DC comics wiki.

<[https://dc.fandom.com/wiki/Nubia_\(Prime_Earth\)](https://dc.fandom.com/wiki/Nubia_(Prime_Earth))>

Com o reboot cinematográfico de Superman, muito se falou sobre qual versão do herói viria a ser representada nas grandes telonas visto que Clark Kent, o alter ego do herói mais conhecido mundialmente, fora representado por mais de um ator em todas as longas. Jornalistas e fãs do personagem apontaram para uma possível representação de Calvin Ellis.

Calvin Ellis, levando o mesmo nome kryptoniano de Superman (Kal-El), foi criado por Grant Morrison e Doug Mahnke em 2009. Filho de Jor-El e Lara, o herói nasceu em Krypton, na Ilha Vathlo. O mesmo adotou o nome terráqueo de Calvin Ellis ao vir para a Terra, após ter seu planeta destruído. Calvin compartilha de muitas similaridades com o Superman que estamos acostumados. No entanto, o que torna sua vida mais desafiadora que a de Clark Kent é o fato de sua identidade civil ser nada menos que o Presidente dos Estados Unidos. Segundo Morrison, esta identidade do personagem faz parte de uma homenagem ao 44º Presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, confirmada em uma de suas entrevistas ao jornal *Daily Records*.

Figura 32: Calvin Ellis em Final Crisis #7 (2009)



Fonte: DC Comics, Rolling Stones²⁶.

Ainda que o personagem não tenha sido muito retratado nos quadrinhos e que só haja especulações acerca de uma versão negra do Superman nas telas de cinema, Calvin Ellis não só é um herói negro como também é o Presidente dos Estados Unidos. Sua representação como líder mundial, negro, de uma das maiores potências do mundo, perpassa a quebra de estereótipos, abrindo novas possibilidades para as narrativas heróicas.

Não poderia encerrar este capítulo sem apresentar o *primeiro Homem-Aranha negro das histórias em quadrinhos*. A Marvel fomentou-se como uma pioneira ao dar sentido e complexidade as narrativas de seus personagens, principalmente aos negros. Nesta onda de ampliar ainda mais a diversidade em seus universos (quadrinhos e cinematográfico), nasce Miles Gonzalo Morales.

²⁶ Disponível em:

<

Criado por Brian Michael Bendis e Sara Pichelli, em 2011, tornando-se rapidamente o queridinho entre os leitores assíduos de quadrinhos, Miles Morales é o primeiro Homem-Aranha afro-latino da editora. Através de sua rápida inserção no meio midiático dos quadrinhos para videogames com *Marvel's Spider-Man: Miles Morales* (2020) e com longa-metragem de animação com direito a vencedor do Oscar com *Homem-Aranha no Aranhaverso* (2018), Morales, juntamente com *Pantera Negra* (2018), trouxe mais visibilidade e representação a pessoas de cor.

Figura 33: Miles Morales em *Ultimate Fallout #4* (2011)



Fonte: Read Comics.

<<https://readcomiconline.li/Comic/Ultimate-Fallout/Issue-4?id=58149#9>>

Miles teve sua aparição em *Ultimate Fallout #4*. Com a morte de Peter Parker nos quadrinhos, Bendis, um de seus criadores, viu-se na iniciativa de criar um novo Homem-Aranha que refletisse a diversidade e a realidade demográfica de Nova Iorque. Filho de pai afro-americano e de uma mãe porto-riquenha. Igual ao Peter, Miles, durante uma visita ao seu tio Aaron Davis, é mordido por uma aranha geneticamente modificada que seu tio roubou de Oscorp²⁷, concedendo a Miles habilidades semelhantes às de Peter Parker.

²⁷ É uma corporação multinacional dos Estados Unidos da América. Está sediada na Torre Oscorp em Manhattan, Cidade de Nova Iorque. Anteriormente conhecida como Indústrias Osborn, o presidente e CEO da Oscorp era o industrial bilionário Norman Osborn.

Figura 34: Miles Morales no jogo para PS4, posteriormente PS5, *Marvel's Spider-Man: Miles Morales* (2020)



Fonte: Google Imagens.

A criação de Miles foi altamente aclamada pelos críticos e pelos fãs do que o Homem-Aranha representa. Sua presença não somente se adapta às ondas de representatividade afro-americana nos quadrinhos, como também da representatividade latina que é tão forte no coração de Nova Iorque. Sua popularidade e influência nos âmbitos da representatividade fizeram com que, rapidamente, o personagem se tornasse popular o suficiente para se tornar uma figura central no universo do Homem-Aranha.

Figura 35: Miles Morales em *Spider-Man: Into the Spider-Verse* (2018) trailer.



Fonte: Sony Pictures Entertainment youtube
<<https://www.youtube.com/watch?v=g4Hbz2jLxvQ>>.

Nestas quase dezoito páginas que compõem este capítulo, procurei dar ênfase a alguns personagens cujas histórias estão interligadas, de alguma forma, com personagens brancos populares tanto para crianças, quanto adolescentes e adultos. O motivo para tal é o contraste entre suas motivações para o que é ser um herói; quais os desafios que enfrentam diariamente. Ainda há muitos personagens negros no gênero dos quadrinhos, alguns mais desenvolvidos que outros, mas existem. Personagens que possuem histórias que retratam o cotidiano, quase sempre, sofrido do jovem negro, com suas dificuldades, medos, anseios, sonhos e desejos.

3.4 O legado da representatividade.

É sabido que, historicamente, o povo negro vem sido representado nas grandes mídias como indivíduos sem inteligência, baixo protagonismo, submetidos aos padrões e padrões brancos, apresentados como puro entretenimento. Porém, agora que temos o gosto do que é ser realmente representado através de personagens cuja cultura e história são representadas de formas humanas, representações com bases racistas, altamente estereotipadas e fora da realidade não são mais cabíveis em nossa sociedade.

Demorou para que Hollywood abrisse os olhos e tomasse conhecimento dos grandes artistas negros que foram constatemente sabotados, escondidos atrás de atores brancos, em sua maioria, com talentos duvidosos na área da atuação. A falta do negro na mídia deve-se ao:

[...] reduzido o espaço dado aos negros na TV (...) os negros são procurados para fazer comerciais pontuais, a ausência dessa representação se deve a rejeição de uma sociedade com padrões eurocêtricos enraizados, em que a TV reforça estereótipos brancos comprovando a sensação do não pertencimento da população negra que não é representada. A não representatividade negra na mídia ainda é justificada pela falta de profissionais capacitados, o que diferentemente é visto no teatro, que conta com uma grande representatividade de negros atuando ativamente. (SILVA, 2019, p. 106)

Vivemos em uma sociedade onde fez-se necessário a produção de um filme cujo elenco é composto, majoritariamente, de origem negra para que os grandes produtores notassem o poder do povo negro. Nas palavras de Ryan Coogler, diretor do filme *Pantera Negra* (2018), ele se viu inspirado em T'Challa, esperando que ele fosse real. A verdade é que boa parte da população negra, assim como eu, gostaríamos que ele fosse real.

Pela primeira vez na história do cinema, tivemos um filme onde as raízes africanas foram respeitadas. Personagens não foram estereotipados e, em nenhum momento, houve o

entendimento de que ser negro é algo negativo. Do contrário, nos mostrou como nossa raça é forte, resiliente e batalhadora. Pantera Negra (2018) trouxe-nos a representatividade de uma figura negra importante que nos faltava, abordando questões políticas condizentes com as necessidades do povo negro.

"Enquanto assistia o filme com meus amigos, senti que vivia um momento histórico. Vai muito além do filme. Isto é imenso.²⁸"

²⁸ Reportagem: "Pantera Negra" gera entusiasmo e orgulho entre os africanos; veja trailer.
<<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/pantera-negra-gera-entusiasmo-e-orgulho-entre-os-africanos.ghtml>>

5. DOS QUADRINHOS PARA A SALA DE AULA.

As histórias têm um poder impressionante. Todo tipo de preconceito só existe até hoje por conta disso. Foram repetidos constantemente, reforçando estereótipos e conceitos errados por séculos, em mídias diferentes. Normalizou todo tipo de comportamento sórdido e violento, além do lugar de não pertencimento a pessoas negras, indígenas, mulheres, lgbt... Então é de máxima importância que narrativas inclusivas e cheias de respeito sejam produzidas e cheguem ao maior número de pessoas, para que todos possamos nos sentir parte do mundo, e felizes. Histórias são como janelas do mundo. Ao olhar para um mundo diferente do seu com carinho, esse sentimento desperta em você. (CALÇA, Rafael. 2021)

Segundo a educadora e pesquisadora Eliane Cavalleiro, em sua obra *Do silêncio ao lar, ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil* (1998), o ambiente escolar é o local onde o racismo perpassa as mais diversas formas, muitas vezes estes sendo realizados aos olhos dos professores que optam pela omissão diante de situações discriminatórias. Na obra, Cavalleiro também aponta para o modo em que muitos alunos são desencorajados a falar sobre a discriminação sofrida.

A sociedade como um todo construiu e ressoou estereótipos destrutivos sobre a comunidade negra durante séculos, perpetuando os mesmos até os dias de hoje. A palavra “negro”, “preto” são consideradas e usadas como algo negativo, algo pejorativo. Agora imagine uma criança que nunca teve nenhum modelo positivo quanto a sua cor, encarando na tenra idade comentários acerca de seu tom de pele? Seu cabelo? Sem uma identidade, algo que possam ser representados e reconhecidos “[...] é possível que a população negra se afaste de sua tradição cultural em prol de uma postura de embranquecimento que lhe foi imposta como ideal de realização.” (Conceição e Conceição, 2010) A desconstrução destes estereótipos referentes à raça negra deve começar dentro das escolas.

No dizer de Conceição e Conceição (2010) a escola “[...] é um ponto de encontro das diferenças étnicas, podendo ser instrumento eficaz para diminuir e prevenir o processo de exclusão social e incorporação do preconceito pelos educandos negros.” As escolas são espaços ricos em conhecimento, que avidamente contribuem para a formação dos indivíduos que tomaram a frente de nossa sociedade (as crianças), moldando valores, atitudes e habilidades sociais. Conforme apontam Conceição e Conceição (2010):

É preciso ampliar as informações sobre a participação negra na cultura e na história nacional, para dilatar o sentido dessa igualdade, não só pela fala, mas pela democratização da imagem e pela informação mais aperfeiçoada sobre a história do Brasil.

Para tal, a escola deverá ser palco de inclusão e diversidade cultural, promovendo a compreensão dos alunos no que se refere ao respeito às diferenças culturais de cada povo, em especial do povo negro. Desta forma torna-se fundamental que tanto as práticas pedagógicas quanto o currículo escolar promovam uma abordagem interdisciplinar sobre a história e a cultura afro-brasileira, dando ênfase às contextualizações do conhecimento histórico e social, uma vez que a valorização das contribuições dos povos africanos são essenciais para a construção da identidade positiva da criança negra.

5.1 As dificuldades em abordar a cultura afro-brasileira nas escolas.

A Lei 10.639/03, sancionada em 9 de janeiro de 2003, altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira em todas as escolas (públicas e particulares) da etapa do ensino fundamental ao médio. No entanto, nós educadores sabemos que esta lei não é seguida como deveria visto que ainda temos uma resistência das escolas em abordarem sobre o assunto fora da semana da Consciência Negra²⁹.

Muito dessa resistência é frequentemente justificada através de argumentos que, em geral, não possuem fundamento como, falta de desconhecimento sobre o assunto, falta de recursos didáticos para trabalhar e pressão curricular que impede que o professor insira o assunto dentro do currículo. Como apresentado sucintamente neste trabalho, temos uma diversidade bastante grande de materiais que podem ser usados como recursos didáticos, inclusive os quadrinhos.

Todavia, a implementação da Lei 10.639/03 é de viés obrigatório, e embora seja uma lei sancionada, há uma falta constante de mecanismos que deveriam penalizar sua não implementação nas escolas. Por consequência, a ausência dessas penalizações permite criar e expandir uma brecha que vai permitir que o sistema educacional sustente e reforce estereótipos de histórias e fatos mal contados sobre a história dos povos Africanos e Afro-Brasileiros.

A legislação federal, segundo o nosso entendimento, é bem genérica e não se preocupa com a implementação adequada do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Ela não estabelece metas para implementação da lei, não se refere à necessidade de qualidades os professores dos ensinos fundamental e médio para ministrarem as disciplinas referentes à Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, menos

²⁹ O Dia Nacional da Consciência Negra é celebrado, no Brasil, em 20 de novembro, dia da morte de Zumbi, liderança do Quilombo dos Palmares.

ainda, o que é grave segundo nosso entendimento à necessidades de as universidades reformulem os seus programas de ensino e/ou cursos de graduação, especialmente os de licenciatura, para formarem professores aptos a ministrarem ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. (SANTOS, 2023, p. 15)

As consequências para a ausência de estudos e práticas pedagógicas que busquem trazer para os alunos os conhecimentos sobre a cultura afro-brasileira e africana corroboram para o currículo eurocêntrico que fez e ainda faz parte do currículo da maioria das escolas. Esta eurocentração permite que toda a contribuição da população negra seja vista de forma negativa, estereotipada, omitindo, então, as conquistas arduamente defendidas por estes povos e dando cada vez mais espaço para que o racismo estrutural seja inserido nas raízes de nossa sociedade.

Neste contexto, Santos (2023) aponta que:

Mesmo sendo necessária, a escola ou a educação formal não foi e nem é a panacéia para os negros brasileiros. Logo a militância e os intelectuais negros descobriram que a escola também tem a responsabilidade na perpetuação das desigualdades sociais.

O Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana trás destacados objetivos específicos a serem alcançados através deste, sendo um deles:

Desenvolver ações estratégicas no âmbito da política de formação de professores(as), a fim de proporcionar o conhecimento e a valorização da história dos povos africanos, da cultura afro-brasileira e da diversidade na construção histórica e cultural do país (BRASIL, 2013, p.19).

No que refere-se os estudos da Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no Ensino Fundamental, o Plano Nacional aponta que uma de suas principais ações deverá ser de:

Assegurar a formação inicial e continuada aos professores e profissionais dessa etapa de ensino para a incorporação dos conteúdos da cultura afro-brasileira e indígena e o desenvolvimento de uma educação para as relações étnico-raciais. (BRASIL, 2013, p.50)

Com as constantes mudanças no que se refere a métodos educacionais, com influências de novas tecnologias, metodologias e práticas, a formação continuada e uma formação inicial de qualidade tornam-se aliadas. A formação inicial serve como uma base para práticas e fundamentos essenciais, mas é na formação continuada que o educador irá adaptar tais práticas conforme as necessidades do ambiente escolar e da sociedade. Deste modo, compreendemos que a formação continuada não exclui uma boa formação inicial.

No entanto, a responsabilidade de abranger os diferentes povos e culturas no currículo escolar não deve recair apenas aos educadores, visto que é dever do Estado garantir que as leis educacionais sejam cumpridas e que as políticas públicas se mostrem efetivas através de fiscalizações recorrentes. O papel do Estado é garantir que haja políticas públicas voltadas à valorização da profissão docente. Em conjunto com as instituições de ensino, detentoras de papéis importantes nas promoções na formação continuada de seus educadores, torna-se indispensável que estes dois órgãos garantam uma implementação para as relações étnico-raciais.

Para tal, vejo como seria significativo tanto para o Estado quanto para a comunidade escolar, a criação de um projeto coletivo que vise valorizar a história dos povos africanos e afro-brasileiros, sobre suas conquistas ao longo dos séculos, fortalecendo, desta forma, o combate a discriminação e a forma pejorativa como a sociedade tem enxergado o jovem negro. A identificação étnico-racial é princípio fundamental para que estudantes negros e negras tenham na sua identidade uma potência para construção de uma sociedade mais justa e igualitária onde eles e elas tenham condições de se desenvolver de forma plena e se inserir socialmente.

5.2 A utilização dos quadrinhos como ferramenta pedagógica para a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) em sala de aula.

O racismo no Brasil pode ser identificado quando se realiza uma leitura comparativa, quantitativa e qualitativa, das desigualdades sociais de suas consequências na vida das populações negras e brancas. (CAVALLEIRO, 1998, p.25-26)

As histórias em quadrinhos, com suas narrativas e elementos visuais, têm se mostrado uma ferramenta pedagógica na abordagem de temas mais complexos, como é o caso da Educação das Relações Étnico-Raciais dentro das salas de aula. Ao serem apresentados aos estudantes, personagens de diferentes origens étnicas e contextos histórico-sociais, os quadrinhos auxiliam significativamente para a promoção da diversidade, reconhecimento e a desconstrução de massivos estereótipos e preconceito que assolam os povos negros.

Como dito anteriormente, após a Era de Prata, os autores dos quadrinhos modernos buscaram uma forma de oferecer meios para se desconstruir acerca de estereótipos e preconceitos ao retratar personagens de diferentes origens étnicas, evidenciando o lado positivo que os meios de comunicação, por vezes, evitam de mostrar. Deste modo, alinhando-se com a perspectiva pedagógica de Paulo Freire, que enfatiza o papel

transformador da educação na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, quando inseridas no currículo escolar, em particular no contexto da Educação das Relações Étnico-Raciais, os quadrinhos promovem uma estratégia multidisciplinar. O que nos possibilita relacionar diferentes áreas do conhecimento como história, sociologia, redação, geografia e língua portuguesa, ao abordar esta temática específica.

Portanto, ao analisar como são representados os povos minoritários nos quadrinhos, os estudantes aprimoram suas habilidades de leitura crítica e interpretação de texto, além de expandir sua compreensão sobre as questões sociais e culturais que moldam nossa sociedade.

De acordo com o DCNs da EREER:

É importante tomar conhecimento da complexidade que envolve o processo de construção da identidade negra em nosso país. Processo esse marcado por uma sociedade que, para discriminar os negros, utiliza-se tanto da desvalorização da cultura de matriz africana como dos aspectos físicos herdados pelos descendentes de africanos. Nesse processo complexo, é possível, no Brasil, que algumas pessoas de tez clara e traços físicos europeus, em virtude de o pai ou a mãe ser negro(a), se designem negros; que outros, com traços físicos africanos, se digam brancos. É preciso lembrar que o termo negro começou a ser usado pelos senhores para designar pejorativamente os escravizados e este sentido negativo da palavra se estende até hoje. Contudo, o Movimento Negro ressignificou esse termo dando-lhe um sentido político e positivo. Lembremos os motes muito utilizados no final dos anos 1970 e no decorrer dos anos 1980, 1990: Negro é lindo! Negra, cor da raça brasileira! Negro que te quero negro! 100% Negro! Não deixe sua cor passar em branco! Este último utilizado na campanha do censo de 1990. (Brasil, 2004: 15)

Sobre a utilização dos quadrinhos em sala de aula, a Universidade de Brasília realizou uma pesquisa a partir de pedidos da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação³⁰, intitulada *Retrato da Escola*, realizada em 2001, com o objetivo de analisar diversos fatores que concernem a qualidade de ensino. Os resultados foram:

A pesquisa trouxe como resultado que os alunos que lêem gibis têm melhor desempenho escolar do que aqueles que usam apenas o livro didático. Em alguns casos, o benefício obtido com a leitura de histórias em quadrinhos é maior do que o existente quando há contato dos estudantes somente com livros ou revistas. Foi comprovado entre os estudantes da 4ª série da rede pública que o gibi quase dobra a performance do aluno, sendo que entre os que acompanham quadrinhos, o percentual das melhores notas nas provas do MEC foi de 17,1%, contra 9,9% entre os que não lêem. (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2001)

A utilização dos quadrinhos em sala de aula pode ser abordada de diversas maneiras desde a leitura e análise por parte dos estudantes, visando a identificação de elementos básicos

³⁰ A Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, entidade presente em todos os estados brasileiros e no Distrito Federal, pelos seus 29 sindicatos filiados, representa os profissionais da educação básica das redes públicas estaduais e municipais.

da narrativa, tais como personagens principais, enredos, espaço e tempo, ao desvendamento de quais são os tipos de mensagens que os autores querem transmitir com suas histórias, afinal, ao longo deste trabalho temos visto como as histórias em quadrinhos são recheadas de narrativas que possuem contraste com a vida real.

A produção de quadrinhos também possibilita a estimulação da criatividade dos estudantes, ajudando na reflexão e na expressão de sua própria identidade, principalmente de estudantes negros que não detêm do acesso aos quadrinhos que contam com personagens cuja as narrativas são um retrato do reflexo da sociedade.

Conforme abordado no capítulo 2, as obras de Marcelo D'Saete são excelentes ferramentas pedagógicas para a Educação das Relações Étnico-Raciais dentro das salas de aula. A partir de suas histórias podemos conhecer muitas das capacidades da população negra que, historicamente, se organizou desde as comunidades quilombolas e buscou construir formas de integração social, embora uma sociedade racista e preconceituosa.

As histórias em quadrinhos de D'Saete servem para refletir as práticas de inclusão e diversidade cultural da população negra na sociedade brasileira, pois suas obras retratam o ponto de vista do povo que tem sofrido há anos com discriminações. É importante que o professor procure trazer para a sala de aula quadrinhos de autoria negra, com personagens negros. Os autores negros procuram fazer com que suas obras possuam narrativas mais justas e representativas, tanto no sentido histórico quanto no cultural, em relação ao povo negro, esforçando-se em evitar que mais estereótipos sejam reproduzidos.

5.3 A sequência didática.

A sequência didática para Araújo (2013) “[...] é um modo de o professor organizar as atividades de ensino em função de núcleos temáticos e procedimentais.” Desta forma, pode-se dizer que a sequência didática vai trabalhar como um roteiro, orientando o professor em como desenvolver cada etapa do processo de ensino. Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), apontam que a sequência didática: “[...] procura favorecer a mudança e a promoção dos alunos ao domínio dos gêneros e das situações de comunicação”. A sequência didática vai determinar um processo didático e a continuação da aula que seja de forma lógica e coerente, interligando os conhecimentos básicos prévios dos alunos com um novo conteúdo.

Uma sequência didática eficaz tem por requisitos básicos a clareza e a objetividade, tendo seus objetivos de aprendizagem detalhados de forma simples e de forma específica,

permitindo uma compreensão dupla: tanto do aluno quanto do professor. De acordo com Freire “a educação deve ser um ato de liberdade, e não de dominação”, portanto, o que vai determinar se uma sequência didática é propícia para o ensino que o professor esteja almejando, será a capacidade que o mesmo terá de fomentar a autonomia e a participação dos alunos.

Para isto, o educador deverá flexibilizar e adaptar a SD ao contexto e as necessidades do aluno. Conforme destaca Vygotsky (2007, p. 100) “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam.” Desta forma, o modo como será feita a contextualização dos conteúdos, em conjunto com as experiências prévias dos alunos, será o determinante para tornar o aprendizado significativo.

Com o objetivo de fomentar a discussão sobre a diversidade da população negra no âmbito escolar, de acordo com os termos da Lei 10.639/03, vi-me instigada a elaborar uma sequência didática que utiliza os quadrinhos como uma potencial ferramenta pedagógica. Visando não somente promover visões mais críticas sobre as representações raciais e a construção de identidades, juntamente com o sentimento de pertencimento, mas contribuir para a valorização da cultura afro-brasileira e africana.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA
Explorando a diversidade étnico-racial através dos quadrinhos
<u>Objetivo geral:</u> Conhecer, promover e compreender como se dá a valorização da diversidade étnico-racial nos quadrinhos.
<u>Objetivo específico:</u> <ul style="list-style-type: none"> ● Desenvolver as habilidades de leitura e interpretação de textos visuais e verbais de caráter antirracista. ● Incentivar a criatividade e a expressão artística dos alunos. ● Promover a valorização da história e cultura afro-brasileira e africana. ● Refletir sobre representações sociais e culturais da população negra nos quadrinhos.

Público-alvo e duração:

- Alunos do 5º ano do Ensino Fundamental.
- 4 aulas com duração de 50 minutos.

Conteúdos:**Linguagem e Comunicação:**

- Interpretação de textos visuais e verbais.
- Análise crítica e antirracista de histórias em quadrinhos.
- Escrita criativa e elaboração de diálogos.

Literatura e Narrativa Visual:

- Estrutura dos quadrinhos (painéis, balões de fala, onomatopeias).
- Elementos da narrativa (enredo, personagens, cenário, conflito e resolução).
- Diferentes estilos e gêneros de quadrinhos.

Estudos Sociais e Culturais:

- Representação e diversidade étnico-racial na mídia.
- História e impacto cultural de personagens negros nos quadrinhos.
- Discussão sobre estereótipos, preconceitos, racismo e discriminação.

Material proposto:

- Exemplares dos quadrinhos de: Angola Janga, Cumbé, Pantera Negra, Dandara.
- Folhas de papel, lápis de cor, revistas para colagem.
- Projetor para a exibição de vídeos e, ou, slides.

DESENVOLVIMENTO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA**Aula 1:**

Momento 1: A sala será organizada no estilo roda e irei perguntar aos alunos se eles já leram ou estiveram em contato com alguma revista de histórias em quadrinhos. Para os

alunos que responderem “não, professora”, irei pedir para que formem grupos e os entregarei diferentes exemplares de quadrinhos com personagens negros, tanto para aqueles que não conhecem quanto para os que conhecem, para partilhar ideias.

Momento 2: Num segundo momento, irei introduzir o conceito de representatividade, racismo e preconceito. Se na conversa anterior nenhum personagem negro for mencionado, aqui perguntarei se eles conhecem personagens negros em quadrinhos.

Momento 3: Em seguida, teremos um momento para uma leitura compartilhada. Será pedido para que os alunos escolham uma história em quadrinhos, das distribuídas e selecionadas no material proposto. Haverá uma breve discussão sobre o entendimento deles sobre a trama e os personagens.

Momento 4: Este momento será reservado para uma atividade escrita. Pedirei para os alunos que escrevam uma breve reflexão sobre a história que foi lida, e que reflitam a partir de suas experiências pessoais com relação ao racismo e preconceito que viveram ou algum caso que tomaram conhecimento através de um amigo, parente, etc. As observações para esta tarefa serão: foco nos personagens e no que eles representam.

AULA 2:

Momento 1: Num primeiro instante haverá uma recapitulação da história lida na aula anterior. Perguntas do tipo *“do que se lembram?”*, *“qual era o nome do personagem? o real e o seu codinome?”*, *“ele era vilão ou herói?”*, *“que experiências ou informação vocês conhecem sobre racismo e preconceito?”* *“Você já sofreu algum caso de racismo ou preconceito?”*

Momento 2: Após a pequena recapitulação e troca de conhecimento, dividirei os alunos em grupos e distribuirei para os mesmos alguns exemplares de quadrinhos com personagens negros, diferentes da história lida no dia anterior. A ideia é que cada grupo analise a história de forma atenta, focando nos personagens e no enredo.

Momento 3: Momento reservado para que cada grupo apresente sua análise para turma. A ideia inicial era sortear os grupos para ver qual começaria primeiro, mas acredito que esta autonomia deve partir das crianças visto que nem todas conseguem falar na frente de outros com facilidade.

Momento 4: Um minidebate entre a turma e a professora sobre a importância da diversidade étnica-racial nos quadrinhos e como ela serve de influência para a percepção e

entendimento da realidade racista em que vivemos onde os negros se encontram em graus de desigualdades bastante acentuada em relação as pessoas que se identificam como brancas.

Para tal, a turma se dividirá em pequenos grupos. Cada um dos grupos receberá um tópico relacionado à diversidade étnica-racial nos quadrinhos que foram apresentados durante a sequência. Exemplo: representação, impacto na sociedade, exemplo de quadrinhos inclusivos, etc.

A professora vai determinar um tempo para que os grupos discutam seus tópicos entre si, compartilhando suas ideias. Ao final, cada grupo terá de apresentar o que concluiu para a turma. A professora fará perguntas consideráveis sobre representação justa, estereótipos, etc, para cada grupo, desta forma, incentivando-os a pensar criticamente sobre os temas abordados, utilizando deste momento para expandir seus conhecimentos sobre a diversidade étnica-racial nos quadrinhos e seu impacto na percepção da realidade racista.

Aula 3:

Momento 1: Irei começar a explicar como criar uma história em quadrinhos com viés antirracista. Para isto, será usado o projetor para passar um vídeo sobre o assunto de forma mais elaborada, que aborda mais a fundo elementos como criação de enredo e diálogos de forma simplificada. Disponível em: <[Sobre criação de HQ - O Básico](#)>

Momento 2: Aqui será o momento para o começo dos esboços das histórias. A criação das histórias em quadrinhos será feita de forma coletiva, irei perguntar aos alunos quem gostaria de ficar com a tarefa de criar os personagens e quem gostaria de ficar com a tarefa de criar um enredo, uma descrição para ele. Uma vez que é um trabalho coletivo, espera-se que conversem entre si para combinarem como se dará a construção desta parte da sequência didática. Durante a construção dos alunos, estarei circulando pela sala, oferecendo ajuda e dando feedbacks no desenvolvimento de suas histórias.

Momento 3: Momento voltado para reflexão sobre a construção de histórias em quadrinhos com conteúdos antirracistas. Desta vez voltados para a discussão acerca dos desafios e soluções que os alunos encontraram durante a criação de suas histórias.

Aula 4:

Momento 1: Caso haja alunos que não conseguiram completar sua tarefa na aula anterior, este será um espaço dedicado para que os mesmos as terminem. Estarei ajudando com finalizações e ajustes finais, se assim me for solicitado por eles.

Momento 2: Com as histórias finalizadas, mostrarei aos alunos um site que preparei em conjunto com o corpo docente da escola para a exibição de suas obras online. Com a autorização dos alunos, o site será atualizado com os personagens criados por eles, onde cada um será creditado.

Momento 3: Momento onde cada aluno deverá apresentar sua história para turma, explicando a trama, o argumento e o seu personagem em quem e em qual situação ele foi inspirado. Se é um caso fictício ou alguma situação de racismo que viveu ou soube do acontecimento.

Momento 4: Reflexão final. Aqui será inicializada uma discussão de forma coletiva, primeiramente dentro da sala de aula somente com os alunos e, posteriormente, levar esta conversa para outros espaços dentro da escola onde a experiência poderá ser ampliada a outras turmas e outras disciplinas, podendo se configurar como uma proposta multidisciplinar que engloba áreas como história, geografia, a literatura, sociologia, artes, filosofia e, também, educação física. Discussões a cerca do que a turma aprendeu sobre a diversidade étnico-racial, representatividade, identidade e a importância da inclusão de personagens negros na vida e em suas narrativas.

Avaliação:

Os critérios de avaliação para esta sequência didática serão:

- Participação nas atividades e discussões propostas pela professora;
- Capacidade de refletir criticamente sobre os temas de diversidade étnico-racial e representatividade.

Para isto, serão usados os seguintes instrumentos de avaliação:

- Produções escritas e artísticas;
- Apresentações e reflexões finais.

Dentro da sequência didática aplicada, espera-se que as crianças consigam desenvolver para além das habilidades socioemocionais. Espera-se que consigam construir conhecimentos históricos e culturais de forma significativa. Segundo aponta Vygotsky (1930) “a interação

social do indivíduo com o meio em que está inserido é fundamental para o desenvolvimento cognitivo”. Portanto, utilizar as histórias em quadrinhos como mediadores culturais, de forma que auxiliem na construção de significados na vida do estudante e na internalização de conhecimentos positivos sobre a história e a cultura negra brasileira.

Desenvolvida a partir de um estudo efetuado ainda no começo de minha trajetória acadêmica envolvendo o tema da diversidade étnica-racial, inicialmente voltada para a Educação Infantil e adaptada para o contexto do quinto ano do Ensino Fundamental, esta sequência didática, ainda que hipotética, elaborada em conjunto com meu orientador de TCC, configura-se como um recurso eficaz para fomentar, no ambiente escolar, discussões mais aprofundadas sobre a desconstrução de estereótipos raciais presentes nos quadrinhos. Ao serem estimulados, instigados a produzir e analisar essas narrativas visuais da nona arte, os estudantes são convidados a desenvolver um olhar crítico sobre as representações étnico-raciais de negros de um ponto de vista positivo da cultura africana e afro-brasileira.

Nesse contexto, a sala de aula passará a se tornar um espaço propício para a construção coletiva de conhecimentos e para a promoção de diálogos interculturais, contribuindo para a formação de sujeitos mais conscientes e positivados em suas identidades.

CONCLUSÃO

O racismo continua sendo um ato cruel em que ainda vemos a sociedade e as grandes mídias o propagando como se não fôssemos perceber.

Por muito tempo, as HQs foram palco de protagonismo masculino branco, onde o negro era visto como um mero coadjuvante sem relevância e sem uma narrativa que fizesse jus a seu contexto social e as mulheres eram vistas como seres frágeis que precisavam destes guerreiros fortes para terem estabilidade ou eram somente vistas como personagens a serem erotizadas. Se o personagem masculino negro sofreu para ter o devido reconhecimento, travando uma árdua batalha rumo ao protagonismo, este sofrimento fora duas, três vezes maior para as mulheres negras.

Embora representadas nas mídias ainda de forma misógina e desrespeitosa, desde então, atualmente as mulheres começaram a ser retratadas de forma mais positiva. A Tempestade, ou Ororo Munroe, é a personagem feminina negra mais popular das histórias em quadrinhos com seu contexto narrativo voltado a suas origens, seu contato com sua ancestralidade e em como ela simboliza o poder do feminismo negro como líder, rainha e professora.

Nós brasileiros temos essa falsa ideia de que somos um país unido por nossas diferenças. No entanto, na prática, quem está do lado de cá possui o conhecimento de que não somos. Diariamente somos lembrados seja no olhar, na fala, no toque, de que ainda há uma divisão de raças. Como futura educadora negra, tendo sofrido o que sofri, com a bagagem cultural que possuo, percebo como as políticas de combate anti-racismo, principalmente no âmbito escolar, foram falhas em diversos pontos de minha vida e continuam sendo.

Quando pensei na construção deste trabalho, utilizando os quadrinhos como uma potencial ferramenta educativa pedagógica, ainda em meu quarto semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia, para uma sequência didática em meio a pandemia do COVID-19, nunca me enxerguei levando para frente este assunto. No entanto, fico extremamente feliz que não desisti da ideia e que abracei, juntamente com tantas personagens aqui citados, lados de minha ancestralidade e cultura que, por muito tempo, havia deixado para trás.

Conforme apontado como um dos objetivos da DCNs da EREER (Brasil, 2004, p.16):

Entre os negros, poderão oferecer conhecimentos e segurança para orgulharem-se da sua origem africana; para os brancos, poderão permitir que identifiquem as

influências, a contribuição, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionar com as outras pessoas, notadamente as negras.

A representatividade negra nos quadrinhos no século XXI se tornou muito impactante. Estamos presenciando as mudanças no modo em como somos representados, deixando, aos poucos, para trás a ideia de que o negro existe somente para servir e não para comandar. As histórias em quadrinhos que abordam a cultura afro-brasileira e africana em toda a sua contextualização se mostraram um aliado formidável no que se refere à Educação das Relações Étnicas-Raciais dentro de sala de aulas.

Com a finalização deste trabalho reitero meu pensamento inicial de que faz-se necessário que as políticas públicas voltadas para as questões da EREER nas escolas sejam fiscalizadas de forma que seu cumprimento seja realizado e a falta da mesma seja penalizada. A partir da inserção da temática dos quadrinhos em salas de aulas, crianças negras, majoritariamente marginalizadas e que possuem mais evasão escolar, poderão ter algum sentimento de pertencimento ao serem inseridas num contexto onde há positividade acerca de sua cor.

Que não mais seja permitido que justificativas pífias façam parte do currículo escolar ao nos referirmos às temáticas voltadas para as ações afirmativas. O presente trabalho fomentou-se a partir do desejo de uma jovem leitora em ver cada vez mais a sua cor ser representada de modo positivo. Neste sentido, como tive inserção muito jovem nas histórias em quadrinhos sempre vi nessas a possibilidades de se tornarem recursos didáticos fundamentais para se pensar uma outra sociedade, sem que a marginalização tomasse o controle de minha identidade e das crianças futuras da nossa geração em que se sentirão ainda mais abraçadas pela representatividade que proponho a partir do uso das histórias em quadrinhos.

Desta forma, procurei contribuir com uma vasta lista de referências bibliográficas para que haja um avanço nos processos políticos-pedagógicos da educação das relações étnico-raciais e para que cada vez mais vejamos as histórias em quadrinhos como ferramentas pedagógicas, projeto que gostaria muito de dar continuidade em futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Gustavo Cunha; Costa, Maurício Alves; Costa Evânio Bezerra. **As Histórias em quadrinhos na educação**; possibilidades de um recurso didático/pedagógico. Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes. Uberlândia, nº 2, p. 26/27. Julho/Dezembro 2008.
- ALDAMA, Frederick Luis. **Latinx Superheroes in Mainstream Comics**. University of Arizona Press, 2017.
- ANGELOU, M. **Still I Rise**. Disponível em: <<https://www.poetryfoundation.org/poems/46446/still-i-rise>>.
- BRASIL. **Lei Federal nº 10.639/03**. In: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: MEC, SECADI, 2013.
- CAETANO, Michelle S. **Shaft e o Movimento Blaxploitation: A emergência do protagonismo negro nos anos setenta**. XIII Encontro ANPUH. Disponível em: <https://www.encontro2020.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-peeeh2020/1594937680_ARQUIVO_94853d0c1b26dd67001b67b0f9494a35.pdf> Acesso em 5 de ago. 2024
- CALÇA, Rafael; COSTA, Jefferson. **Jeremias: Pele**. São Paulo: Panini, 2018.
- CANDAU. V. M. F. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. Currículo sem Fronteiras**. v. 11. n. 2, p. 240 – 255. Jul/Dez. 2011. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss2articles/candau.pdf>> Acesso em: 20 de julho de 2024.
- CARVALHO, D. **A educação está no gibi**. São Paulo: Papyrus, 2006.
- CARVALHO, J. **Trabalhando com quadrinhos em sala de aula**. Revista Educação Pública, v. 9, n. 17, 19 maio 2009.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 1998. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. . Acesso em: 03 ago. 2024.

CHINEN, Nobuyoshi. **A imagem do negro no humor gráfico brasileiro do século XIX até meados do século XX.** Via Atlântica. n. 18. Set. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50740/54846>> Acesso em: 20 de julho de 2024.

CHINEN, Nobuyoshi. **O papel do negro e o negro no papel:** representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros. 2013. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.27.2013.tde-21082013-155848. Acesso em: 06 ago. 2024

CODESPOTI, Sérgio. **Comprovado: quadrinhos colaboram com o desenvolvimento educacional** - UNIVERSO HQ. Disponível em: <<https://universohq.com/materias/comprovado-quadrinhos-colaboram-com-o-desenvolvimento-educacional/>>. Acesso em: 3 ago. 2024.

CONCEIÇÃO, Helenise da Cruz; CONCEIÇÃO Antônio Carlos Lima da. **A construção da identidade afrodescendente.** [2010]. Disponível em: <https://africaeaficanidades.com.br/documentos/Construcao_identidade_afrodescendente.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2024.

D'SALETE, Marcelo. **Angola Janga:** uma história de Palmares. São Paulo: Veneta, 2017. 432p. Resenha de: SPINOSA, Vanessa. **Quilombo em HQ. Crítica Historiográfica**, v.3, n.9, jan./fev. 2023. Disponível em <<https://www.criticahistoriografica.com.br/quilombo-em-hq-resenha-de-angola-janga-um-con-vite-a-liberdade-de-marcelo-dsalete/>>. DOI: 10.29327/254374.3.9-6

DALBETO, L. do C.; OLIVEIRA, A. P. **Como uma Deusa:** considerações acerca da representação da mulher negra nas HQs de superaventura. Intexto, Porto Alegre, n. 35, p. 97–118, 2016. DOI: 10.19132/1807-8583201635.97-118. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/54934>>. Acesso em: 3 ago. 2024.

DAMASCENO, T. C. G., & PEREIRA, M. V. (2023). **Ensino de ciências e decolonialismo:** história em quadrinhos e representatividade étnico-racial. *Revista INTER EDUCA*, 5(2), 48–62. Disponível em: <<https://doi.org/10.53660/RIE.186.103>>

De Souza, I. S.; Leite De Souza, L. E.; Alves, L. T. De Q.; De Souza Mendes, L. A. N.; Do Vale, V. P. **Do Silêncio Do Lar Ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito E Discriminação Na Educação Infantil.** Revista Em Favor de Igualdade Racial, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 137–146, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/view/2000>. Acesso em: 04 ago. 2024.

DANDARA. Disponível em: <[Dandara \(catarse.me\)](https://catarse.me)>. Acesso em: 30 jul. 2024.

FANON, F. **Black Skin, White Masks.** [1986]. Disponível em: <https://monoskop.org/images/a/a5/Fanon_Frantz_Black_Skin_White_Masks_1986.pdf>.

FINGER, V. **Zumbi e a Construção da Identidade Negra:** uma Análise sobre a História em Quadrinhos “Zumbi – A Saga de Palmares. História e Cultura, v. 1, n. 2, p. 148, 7 abr. 2013.

GAY, R. **Opinion | Who Gets to Be Angry?** The New York Times, 10 jun. 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/06/12/opinion/sunday/who-gets-to-be-angry.html>> Acesso em 26 de jul. de 2024.

GRAVETT, P. (2005). **Graphic Novels: Everything You Need to Know.** Collins Design.

GUBERNIKOFF, Giselle. **A imagem:** representação da mulher no cinema. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 8, n. 15, jan./jun. 2009.

GOMES, L. I. **Passado quadro a quadro:** a revista em quadrinhos Pererê (1960-1964) e a História. Ars Historica, v. 1, n. 1, jan.-jun. 2010, p. 43-56.

HISTÓRIA, D. DA. **Representatividade e fantasia nos livros infantis:** entrevista com Rafael Calça. Disponível em: <<https://www.dentrodahistoria.com.br/blog/literatura/livros-para-criancas/entrevista-com-rafael-calca-autor-livros-infantis/>>. Acesso em: 26 jul. 2024.

HOMEM-ARANHA NO ARANHAVERSO. Direção: Bob Persichetti, Peter Ramsey, Rodney Rothman. Produção: Amy Pascal, Christina Steinberg, Christopher Miller, Avi Arad. Trilha Sonora: Daniel Pemberton. Produção: Columbia Pictures, Sony Pictures, Marvel Entertainment Duração: 117 minutos. Distribuição: Sony Pictures Releasing. Estados Unidos, 2018.

IANNOME, L. R; Iannome, R. A. **O mundo da história em quadrinhos.** Coleção Desafios. 4. ed. São Paulo: Moderna, 1995.

Jeremias, primeiro personagem negro da Turma da Mônica, finalmente ganha sua própria revista. O Globo, 31 mar. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/jeremias-primeiro-personagem-negro-da-turma-da-monica-finalmente-ganha-sua-propria-revista-22540184>> Acesso em: 26 de jul. de 2024.

LUYTEN, S. **O que é história em quadrinhos.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

LOPES, Romildo Sergio. **Representação da identidade negra nas histórias em quadrinhos.** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-0769-1.pdf>> Acesso em: 06 ago. 2024.

MATTHEWS, A. **Hyper-Sexualization of Black Women in the Media.** Disponível em: <https://digitalcommons.tacoma.uw.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1026&context=gender_studies>. Acesso em 26 de jul. de 2024.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos.** Tradução de Hécio de Carvalho, Marisa do Nascimento Paro. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 1995.

MOYA, C., & COSTA, A. (2018). **A Importância da Representação nos Quadrinhos.** Revista de Estudos Étnico-Raciais.

Mulheres da Marvel: Shuri, de princesa a Pantera Negra e rainha de Wakanda. Disponível em: <<https://www.disney.com.br/novidades/mulheres-da-marvel-shuri-de-princesa-a-pantera-negra-e-rainha-de-wakanda>>. Acesso em: 28 jul. 2024.

NEGRÃO, Matheus; CARDOZO, Bárbara. **No Brasil, 23% dos negros se sentem representados como criminosos em filmes e séries, mostra pesquisa.** CNN Brasil. 06 de junho de 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/no-brasil-23-das-pessoas-negras-se-sentem-representadas-como-criminosas-em-filmes-e-series-mostra-pesquisa/>> Acesso em: 26 de jul. de 2024.

OLIVEIRA, Mauro César Bandeira de. **A importância das histórias em quadrinhos para a educação.** 2007. 47 f. Monografia (Licenciatura em Artes Plásticas)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/153>> Acesso em 3 de ago. de 2024.

PAIVA, Fábio da Silva. **Histórias em quadrinhos na educação**: memórias, resultados e dados. Ufpe.br, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/18047>> Acesso: 12 ago. 2024.

PAIVA, Fábio da Silva. **Histórias em quadrinhos e a influência na educação dos leitores**: os exemplos de Batman e Superman. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem16/COLE_2676.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2024.

PANTERA NEGRA. Direção: Ryan Coogler, Produção: Kevin Feige. Produção: Marvel Comics. Trilha Sonora: Ludwig Göransson. Duração: 135 minutos. Distribuição Brasileira: DISNEY/ BUENA VISTA, Estados Unidos, 2018.

"**Pantera Negra**" **gera entusiasmo e orgulho entre os africanos; veja trailer**. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/pantera-negra-gera-entusiasmo-e-orgulho-entre-os-africanos.ghtml>>. Acesso em 12 ago de 2024.

PAULA, Érika Magalhães. **Mulher-Maravilha**: a erotização feminina nos figurinos das histórias em quadrinhos. 2019. 56 f. Monografia (Graduação em Design de Moda) – Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/56705>>

PEREIRA, M. M., **O Movimento Negro E As Revoluções De 1968**: Uma Análise Da Relação E Ressignificação Do Negro E O Histórico Do Movimento No Brasil. Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais, Recife, V. 8, N. 1, 2019, P.34-57. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistamseu/article/view/240135/32922>>. Acesso em 02 de ago. 2024.

PALHARES, M. **História em Quadrinhos**: Uma Ferramenta Pedagógica para o Ensino de História Professora da Rede Pública Estadual do Paraná, concluinte do Programa de Desenvolvimento Educacional. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2262-8.pdf>>.

RAMA, Ângela (Org.); VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Como Usar as Histórias em quadrinhos na Sala de Aula**, Ed. Contexto. Capítulo 1. Disponível em: <<http://www.editoracontexto.com.br/como-usar-as-historias-em-quadrinhos-na-sala=de-aula.html>>.

RODRIGUES, T. C., OLIVEIRA, F. L., & da Silva Santos, F. V. (2016). **Desafios da implementação da Lei nº 10.639/03: um estudo de caso de municípios do Estado de São Paulo**. Revista De Educação PUC-Campinas, 21(3), 281–294. Disponível em: <<https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/view/3435>> Acesso em: 24 de jul. de 2024.

SABBAGA, J. Pantera Negra | **O diretor Ryan Coogler explica cenas pós-créditos**. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/pantera-negra/pantera-negra-diretor-ryan-coogler-explica-cena-pos-creditos>>. Acesso em: 28 jul. 2024.

SANTOS, Sales Augusto dos. **A Lei no 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do Movimento Negro**. In: BRASIL. Educação Anti Racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, 524 Revista Educação e Emancipação, São Luís, v. 16, n. 3, set./dez. 2023 MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. p. 21 - 37

SANTOS, Roberto Elísio dos. **Aplicações da História em Quadrinhos**. Comunicação & Educação, São Paulo, Brasil, n. 22, p. 46–51, 2001. DOI: [10.11606/issn.2316-9125.v0i22p46-51](https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i22p46-51). Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36995>>. Acesso em: 12 ago. 2024.

SILVA, Kellen Carolina Vieira; QUADRADO, Jaqueline Carvalho. **O Afrofuturismo Como Forma De Representação Cultural**. In: EMIcult. 2. 2016. São Luiz Gonzaga. Anais. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI).

SILVA, A. de J. **Cultura e representatividade negra no mundo da cibercultura**. Grau Zero – Revista de Crítica Cultural, Alagoinhas-BA: Fábrica de Letras - UNEB, v. 7, n. 1, p. 93–110, 2019. DOI: [10.30620/gz.v7n1.p93](https://doi.org/10.30620/gz.v7n1.p93). Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/view/7347>>. Acesso em: 4 ago. 2024.

SILVA, Andressa Queiroz da. **Uma proposta de letramento racial crítico e antirracista a partir da história em quadrinhos “Os Santos: uma tira de humor ódio”**. Revista Educação e Emancipação, v. 16, n. 3, p. 499–524, 20 Nov 2023 Disponível em: <<https://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/21088>>. Acesso em: 12 ago 2024.

THE INDEPENDENT. **Miles Morales substitui Peter Parker como o primeiro Homem-Aranha negro nos quadrinhos.** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/miles-morales-substitui-peter-parker-como-primeiro-homem-aranha-negro-nos-quadrinhos-16518599>>. Acesso em: 4 ago. 2024.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, A. et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

VIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente.** 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007

ZANETTI, D. **Repetição, serialização, narrativa popular e melodrama.** Matrizes, v. 2, n. 2, p. 181, 15 jun. 2009.

What “The Falcon and The Winter Soldier” Tells us about Race and History. Disponível em: <<https://www.gendersecurityproject.com/feminist-soft-power/what-the-falcon-and-the-winter-soldier-tells-us-about-race-and-history>>. Acesso em: 30 jul. 2024.